

Textos e versões

---

*A Morte do Duque de Enghien*, de  
Léon Hennique

Carlos Alberto da Fonseca  
Tradução e notas  
Universidade de São Paulo

## Resumo

Tradução do texto *A Morte do Duque de Enghien*, de Léon Hennique, que apresenta os eventos em torno do julgamento e da execução do Duque de Enghien em 1804 por ordens de Napoleão Bonaparte. A sua morte transformou em um dos mártires da Revolução Francesa, ampliando-se como motivo literário no Romantismo.

Palavras-chave: A Morte do Duque de Enghien, Léon Hennique, Dramaturgia, Revolução Francesa.

## Abstract

*Translation of the text The Death of the Duke of Enghien, by Léon Hennique, which presents the events surrounding the trial and execution of the Duke of Enghien in 1804 by orders of Napoleon Bonaparte. His death transformed him into one of the martyrs of the revolution, expanding him as a literary motif in Romanticism.*

*Keywords: The Death of the Duke of Enghien, Léon Hennique, Dramaturgy, French Revolution.*

# A morte do Duque de Enghien

Léon Hennique  
Drama em 3 quadros

Desenhos de Henri Dupray,  
gravados em água forte por L. Muller

Tradução e notas de  
Carlos Alberto da Fonseca

Publicado por  
Tresse & Stock, Paris, 1886.

---

## O *affaire* do Duque d'Enghien, ou Um calo na biografia de Napoleão

O *affaire* do duque d'Enghien recobre a prisão, o julgamento e, finalmente, sua execução no fosso do castelo de Vincennes no dia 21 de março de 1804, de Louis Antoine-Henri de Bourbon, duque de Enghien, neto do príncipe de Condé<sup>1</sup>, na sequência de uma operação da polícia secreta dirigida por Savary e realizada pelo general Ordener.

Em 1803, com a retomada da guerra contra a Inglaterra, o poder de Napoleão Bonaparte permaneceu cego às ameaças de atentado posteriores à supressão do ministério da Polícia de Fouché em setembro de 1802. Enganadas pela liberdade de imprensa que reinava em Londres, as redes anglo-monarquistas

---

**1 Príncipe de Condé** era um título aristocrático francês, criado em referência à cidade de Condé-sur-l'Escaut, que foi utilizado por um ramo cadete da Casa Real de Bourbon (família nobre e importante casa real europeia originária do centro da França; durante o século XVI, governou Navarra e França; no século XVIII, deteve tronos na Espanha, nas Duas Sicílias e em Parma; também se enlaçaram por meio de laços de casamento com outras casas reinantes, como Áustria, Portugal e Brasil; ainda se mantém na Espanha e em Luxemburgo. Na França, O governo se estende até 1792, quando a monarquia é derrubada durante a Revolução Francesa, com a prisão de Luís XVI e o estabelecimento da Primeira República Francesa. Restaurada brevemente em 1814 e definitivamente em 1815 após a queda do Primeiro Império Francês, a dinastia Bourbon é finalmente derrubada em França durante a Revolução de Julho de 1830. Depois disso, uma ramificação da casa de Bourbon, a Casa de Bourbon-Orléans, governou a França nos últimos 18 anos da monarquia francesa (1840-1848, com Louis Philippe I, o “Rei Cidadão” ou “Rei Burguês”).

acreditavam que era possível reverter o regime e tomar o poder apoderando-se da pessoa do Primeiro Cônsul Napoleão. A partir de julho de 1803, os conspiradores tornaram a atravessar a Mancha e se esconder em Paris. Foi só em 29 de fevereiro de 1804, após inúmeras ações desajeitadas, é que foi descoberta a conspiração contra o Primeiro Cônsul; foi grande a comoção na capital, a imprensa se voltou contra a conjuração. Paris se viu como em estado de sítio, com tropas às portas das barreiras para interceptar os conjurados.

Talleyrand, cujo papel exato no *affaire* é bastante discutido, suspeito aos olhos de Bonaparte por sua atitude equívoca nos meses anteriores, utilizou essa crise para reforçar sua posição. Em suas memórias, Bonaparte indica que foi “Talleyrand que decidiu prender o duque”, mas reivindica a execução como sua decisão pessoal. A execução do jovem duque teve o objetivo de desmoralizar os monarquistas opositores do Consulado.

O projeto toma forma por ocasião do interrogatório policial conduzido sobre a tentativa de rapto ou de assassinato do Primeiro Cônsul em outubro de 1803, chamada “conspiração do Ano XII”. O atentado, organizado por Cadoudal e pelo general Pichegru, implicou também o general Moreau. Interrogado por Pierre-François Réal, conselheiro de Estado encarregado da sequência desse *affaire*, Bouvet de Lozier confessou que os conspiradores esperavam a chegada de um jovem príncipe de sangue real. Esse Príncipe inencontrável poderia ser um dos filhos do Conde d’Artois. Le Ridant reconheceu a presença de um príncipe em Paris que muito possivelmente fosse Polignac. Ora, um policial afirmou que, segundo os chuãs, um príncipe da família de Orléans estava em Paris e que o duque d’Enghien provavelmente iria voltar à França. O duque estava instalado em Ettenheim, no margraviado de Baden, a algumas léguas da fronteira francesa. Oficial a soldo da Inglaterra, ele atravessara várias vezes a fronteira para agitar a Alsácia. Um relato transmitido ao Primeiro Cônsul por Talleyrand indica que ele recebeu em sua casa o “traidor” Dumouriez e um dos mais ativos agentes ingleses, o coronel Smith. Isso é confirmado por um outro relato do general Moncey. Um Bonaparte hesitante recebeu Talleyrand, Cambacérès, Fouché e Murat. Apenas Cambacérès advoga contra uma prisão e uma execução possível do duque. Mais confortado por Talleyrand e Fouché, Bonaparte ordena fazer prender os conjurados.

O objetivo foi, então, apreender os conjurados, a saber o duque d’Enghien, Madame de Reich, Dumouriez e um coronel inglês, assim como a correspondência das pessoas visadas, esperando com isso coletar provas de um complô. Para tanto, duas missões foram lançadas: uma para Ettenheim, comandada pelo general Ordener, e a outra para Offenburg, comandada pelo general Caulaincourt. Os dois comandantes partiram da cidade de Strasbourg, onde se haviam reunido com o general Leval, comandante da quinta divisão militar, e com o conselheiro Henri Shée, que exercia a função de prefeito.

No dia 15 de março de 1804, um destacamento de mil homens do 22º de dragões (que o coronel Jean-Augustin Carrié de Boissy fez franquear o Reno

em Rhinau) se dirigiu a Ettenheim, a 10 km. da fronteira, e prendeu o duque. Ele foi confinado primeiramente em Strasbourg, depois transferido para Vincennes, onde chegou no dia 20 de março.

O cidadão Charlot, chefe da 38ª esquadra de gendarmeria, em seu relatório ao general Moncey, primeiro inspetor geral da gendarmeria, cita como tendo sido presos:

- Louis-Antoine-Henri-Bourbon, duque d'Enghien, o general marquês de Thumery, o coronel barão de Grunstein, o tenente Schmidt;
- o abade Wenborm, auxiliar do arcebispo de Strasbourg, e seu secretário abade Michel;
- os domésticos do duque que continuavam a servi-lo; tratava-se de Jacques, seu secretário, Simon Ferrand, seu criado de quarto, e os domésticos

Foram presas também, depois enviadas a Paris, no quadro desse *affaire*, a filha, a esposa e a amante do general Lajolais, Thérèse Jacquet de Saint-Dié. O abade Aymar, vigário-mor do cardeal de Rohan, e a senhora Kinglin d'Essert foram igualmente apreendidos. O sr. Briançon, emigrado e controlador do correio de Strasbourg, e o sr. Boug d'Orschwiller, ex-capitão da Légion Noire de Mirbeau, foram presos em Colmar.

No dia 27 *ventôse*, o sexto mês do calendário republicano francês, o príncipe foi tirado de sua prisão de Strasbourg por volta de 1 hora da madrugada para ser levado em veículo do correio para Paris. Ele chegou ao *hôtel* de Galiffet, prédio do 84 da rue du Bac onde se situava o ministério dos negócios estrangeiros, mas não desceu do veículo antes de ser levado para o castelo de Vincennes cerca das 15:30 hs do dia 28 *ventôse*.

Um tribunal foi nomeado por Murat, governador de Paris, que escolheu entre as unidades presentes na cidade oficiais superiores para julgar o príncipe. Foram nomeados:

- o general Hulin, comandante dos granadeiros a pé da Guarda dos Cônsules, como presidente;
- o coronel Guiton, do 1º regimento de couraceiros;
- o coronel Bazancourt, do 4º regimento de infantaria de linha;
- o coronel Ravier, do 18º regimento de infantaria ligeira;
- o coronel Barrois, do 96º regimento de infantaria de linha;
- o coronel Rabbe, comandante do 2º regimento de guarda municipal.
- o major Dautancourt, da Gendarmeria de elite, como relator, que foi substituído por Bazancourt ou Dautancourt.

Os membros do tribunal foram nomeados sem o conhecimento do objetivo a que estava afeito no castelo; receberam o texto da acusação apenas durante o julgamento.

O duque foi julgado na mesma noite pela comissão militar presidida pelo general Hulin, sem testemunha nem defensor, sem que as provas fossem

levadas ao conhecimento do tribunal. Segundo a ata do julgamento assinada pelos 7 juizes, o duque d'Enghien foi condenado à morte por ter pego em armas contra a França e estar a soldo da Inglaterra. O texto publicado pelo MONITEUR UNIVERSEL menciona as seguintes causas:

- ter portado armas contra a República francesa;
- ter oferecido seus serviços ao governo inglês, inimigo do povo francês;
- ter recebido e acolhido agentes do governo inglês, ter-lhes facultado meios para praticar desinteligências na França, e ter conspirado com eles contra a segurança interna e externa do Estado;
- ter-se colocado à frente de uma reunião de emigrados franceses e outros, a soldo da Inglaterra, concentrados nas fronteiras da França em Fribourg e Baden;
- ter praticado inteligências na praça de Strasbourg, tendendo a sublevar os departamentos circunvizinhos para ali operar uma situação favorável à Inglaterra;
- ser um dos autores e cúmplices da conspiração tramada pelos ingleses contra a vida do Primeiro Cônsul, e devendo, em caso de sucesso daquela conspiração, entrar na França.

Não sendo os tribunais militares suscetíveis de apelo nem cassação, as sentenças foram imediatamente executadas. O coronel Barrois foi o único membro do tribunal a solicitar um *sursis*. Por volta das três da madrugada, o duque foi conduzido diante do pelotão de execução, composto de oito homens. Um oficial da gendarmaria de elite leu o ato de acusação, o duque pediu para se encontrar com Napoleão Bonaparte. O oficial lhe respondeu que aquilo não podia ser feito. O duque insistiu e pediu para escrever a ele, o oficial opôs a mesma recusa. Finalmente, o duque pediu para ele mesmo comandar o fogo, mas recebeu uma última recusa. Disse: “Como é terrível morrer pela mão de franceses!” A essas palavras, o oficial Savary gritou “Preparar”, tendo o duque tempo de gritar ao pelotão de execução “Mirem no coração”. O duque estremeceu sob oito tiros, seu corpo foi enterrado numa cova recentemente aberta atrás dele. Ouviu-se em seguida os lamentos de Mohiloff, o cão russo do duque, que chorava sobre a tumba de seu senhor.

Em sua *Vie de Napoléon*, Stendhal conta que William Warden, que tinha a guarda de Napoleão na ilha de Santa-Helena e teve inúmeras conversas com ele, lhe disse ter visto com os próprios olhos uma cópia de uma carta para Napoleão redigida pelo duque d'Enghien antes de sua morte, na qual afirmava não acreditar no retorno dos Bourbon e somente aspirava a servir à França. Napoleão, por seu turno, afirmou que nunca havia recebido carta alguma.

Em 1816, Louis XVIII fez exumar o corpo do duque, ordenou depositá-lo na Sainte-Chapelle do castelo de Vincennes. A concepção do túmulo foi confiada a Pierre Louis Deseine, mas ele só foi concluído em 1825. Situado desde o início contra o muro da capela, o túmulo foi deslocado para um pequeno oratório lateral (“oratoire du roi”) em 1852 a pedido de Napoléon III.

Pichegru se suicidou pouco depois, em sua prisão, e Cadoudal foi guilhotinado com 11 cúmplices em 25 de junho de 1804; antes de sua execução, declarou: “Queríamos fazer um rei, fizemos um imperador.”

Segundo o historiador Jacques Banville, “não tendo surgido o príncipe anunciado pelos conspiradores monarquistas, Napoleão não quis abandonar o plano que havia concebido. Fez aprisionarem à força o duque d’Enghien, o jovem príncipe de Condé, que se encontrava em Ettenheim, que foi submetido às armas após um simulacro de julgamento. [...] Enghiem fuzilado: Napoleão ofereceu seu presente supremo para a Revolução, colocando-se ao lado dos regicidas. Sem o fosso de Vincennes, o Império seria impossível e os republicanos não o teriam aceito.”

O deputado Antoine Boulay disse a respeito daquele julgamento: “Foi pior que um crime, foi um erro.” Sendo o nome desse deputado pouco conhecido do grande público, essa frase, atestada por testemunhas da época, foi frequentemente atribuída a Fouché e até mesmo a Talleyrand, que, em 1814, com a Restauração da monarquia, fez desaparecerem todos os documentos relativos a esse caso.

Não há um só relato biográfico de qualquer natureza ou profundidade que não refira com alguma reticência sobre o papel de Napoleão nesse episódio tardio da Revolução francesa e no mínimo sua incúria e seu parti pris na solução que lhe foi dada.

*Para Edmond de Goncourt,  
em testemunho de mui elevada estima  
e respeitosa amizade,  
ofereço estas poucas páginas, em que tratei de figurar  
um pouco da brutalidade de uma época.*

## Personagens

Duque de Enghien<sup>2</sup>

General Ordener<sup>3</sup>

---

**2 Louis-Antoine-Henri de Bourbon-Condé**, conhecido na história como duque d'Enghien, nasceu a 02.08.1772 em Chantilly e morreu a 21.03.1804 em Vincennes; foi um príncipe de sangue francês, o 10º e último duc d'Enghien, e o último descendente da *maison de Condé*. Filho único de Louis, último príncipe de Condé, e de Louise-Marie-Thérèse-Bathilde d'Orléans. Seu padrinho de batismo foi o rei Louis XVI, sua madrinha foi Marie-Antoinette. Seus avôs assistiram ao seu batismo no castelo de Versailles: o paterno Louis V Joseph de Bourbon Condé e o materno Louis-Philippe d'Orléans. Com 17 anos (final de 1789) juntou-se ao Exército dos Emigrados (a nobreza francesa que abandonou o país no curso da Revolução), comandado por seu pai e seu avô. Em 1792 chefiou o Exército Real Francês, que se engajara em agosto na invasão da França ao lado de corpos austríacos e prussianos reunidos sob as ordens do duque Charles-Guillaume Ferdinand de Brunswick, expedição que fracassa em setembro na batalha de Valmy. Refugiou-se em Ettenheim, no margraviado de Baden, estado histórico da Alemanha, a algumas léguas da fronteira francesa. Tendo sido seu projeto de casamento com a princesa Caroline de Baden contrariado pelo margrave Charles-Frédéric, viveu abertamente com a mulher de sua vida, Charlotte de Rohan-Rochefort, com a qual teria tido duas filhas gêmeas. Em 1804, depois de um interrogatório, o primeiro cônsul Bonaparte denuncia-o como suspeito de estar à frente, com Dumouriez, de um novo complô monarquista. Na verdade, existe um complô, organizado por Georges Cadoudal, antigo general chefe do exército católico e real da Bretanha; Cadoudal, preso, reconhece que o complô espera o retorno de um príncipe real, que deve se colocar na chefia. Na noite de 15 para 16 de março de 1804, o duque é preso no principado de Baden por um grupo de soldados conduzidos pelo general Ordener. Antes mesmo de sua chegada a Paris, um processo rápido é preparado. No dia 20, pouco antes da meia noite, o duque enfrenta um primeiro interrogatório no castelo de Vincennes; à uma da madrugada é levado diante de um conselho de guerra presidido por Pierre-Augustin Hulin. Esse conselho tem por ordem julgar rapidamente a causa; a condenação à morte já estava prevista na decisão de Bonaparte. Sempre se declarando inimigo do governo, o duque rejeita as acusações de participação no complô monarquista em curso; ao contrário, esclarece que esperava em Baden as instruções do governo britânico, que devia solicitar seus serviços na região. Na presença de Savary, enviado pelo primeiro cônsul, o conselho delibera rapidamente: às duas horas da madrugada, o duque é condenado à morte por unanimidade e fuzilado pouco depois no fosso do castelo. Seu corpo é atirado a uma cova preparada anteriormente ao pé do pavilhão da Rainha. Sua execução levanta ondas de indignação nas cortes europeias. Os monarquistas acusam Bonaparte de se ter covardemente dessembarçado do último descendente da maison de France. Após a queda de Napoleão, a Restauração fez do duque d'Enghien um dos mártires da realeza. Em 1816, Louis XVIII autoriza a transferência de suas cinzas para a Sainte-Chapelle de Vincennes.

**3** Personagens históricas: **Pierre-Augustin Hulin** (1758-1841), general francês da Revolução e do Império, teve importante papel na queda da Bastilha; **Michel Ordener** (1755-1811), general francês da Revolução e do Império, no dia 25 do mês Ventôse chega a Ettenheim com o 25º de dragões para prender o duque d'Enghien; **François Nicolas Fririon** (1766-1821, general francês da Revolução e do Império, efetua com Ordener a prisão do duque; **Jean-François Leval** (1761-1834), militar francês que atuou nas guerras revolucionárias francesas e nas guerras napoleônicas; **Jean-Baptiste Noiro**t (1768-1826), exército francês da Revolução e do Império, no qual chegou a general e oficial da Legião de Honra em 1804; **Pierre d'Autencourt** (1771-1832), militar francês da Revolução e do Império, chegou a general; **Marie Adrien François Guiton** (1761-1819), militar da Revolução e do Império, participou do comitê que condenou o duque; **Hughes Charlot** (1757-1821), militar da Revolução e do Império, chegou a general.

General Hullin  
General Leval  
General Fririon  
Tenente Noirot, da gendarmeria de elite  
Major Dautencourt, *idem*  
Coronel Guiton, do 1º regimento de couraceiros  
Comandante Charlot, da gendarmeria nacional  
Capitão Molin, do 18º regimento de infantaria de linha  
Harel, comandante do castelo de Vincennes  
Barão de Grünstein  
Marquês de Thumery  
Abade Weinborn  
Tenente Schmitt  
Simon, criado de quarto do duque  
Pierre, oficial da secretaria do duque  
Burgomestre de Ettenheim  
Suboficial da gendarmeria  
Tenente da gendarmeria  
Charlotte de Rohan-Rochefort<sup>4</sup>  
Senhora Harel  
Generais, oficiais, soldados

A ação se passa em 1804.<sup>5</sup>

---

4 Charlotte-Louise-Dorothée de Rohan (1767-1841), nobre francesa, filha de Charles-Jules-Armand de Rohan-Rochefort, da Maison de Rohan, e de Marie-Henriette d'Orléans, da Maison d'Orléans-Rothelin. Casou-se com o duque d'Enghien no dia 18 de fevereiro de 1804 e viveu com ele em Ettenheim, tendo assistido à prisão do marido por agentes da polícia secreta de Napoleão Bonaparte.

5 Em 9 de novembro de 1799, com o golpe de estado do 18 Brumário, tem início o Diretório; a Constituição do Ano VIII, seis semanas depois, o dissolveu; Napoleão instituiu uma ditadura, sob a forma de um Consulado, que vai durar até 1804, data em que se estabeleceu o Império napoleônico, que vai durar até 1815. A *Chouannerie* foi uma guerra civil que opôs os revolucionários republicanos e os monarquistas ocidentais da França, na Bretanha (Maine, Anjou e da Normandia). Fez parte da Guerra da Vendeia, em conflitos que compuseram as chamadas *Guerras do Oeste*. Os primeiros enfrentamentos haviam ocorrido em 1792 por meio das *jacqueries paysannes*, ações de guerrilha e batalhas, que terminaram com a vitória final dos Republicanos, em 1800. O nome deriva de *chouan*, como eram chamados os camponeses vendeanos. Publicado em 1829, é na edição de 1834 que um romance de Honoré de Balzac receberá o título definitivo de *Les Chouans ou la Bretagne en 1799*, que, a partir de 1845, passou a fazer parte das "Scènes de la vie militaire" de sua *Comédie humaine*.



Louis-Antoine de Bourbon-Condé, por Jean-Michel Moreau.



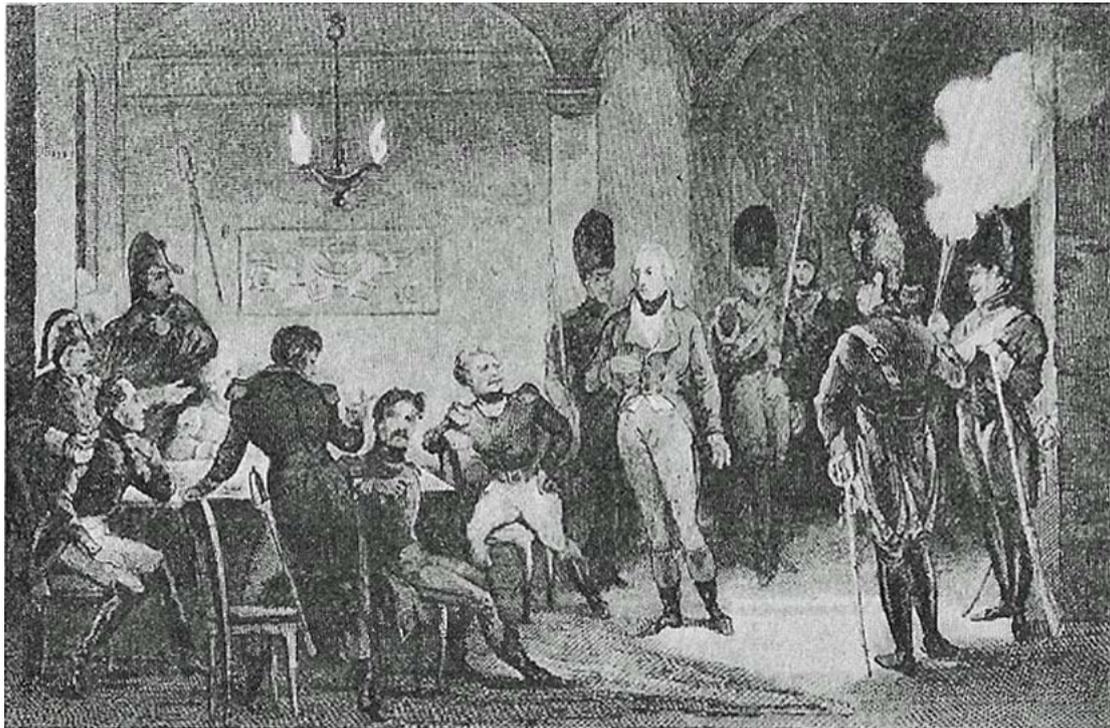
O futuro *Son Altesse Serenissime*.



*L'A h de Bourbon*



Execução do duque d'Enghien



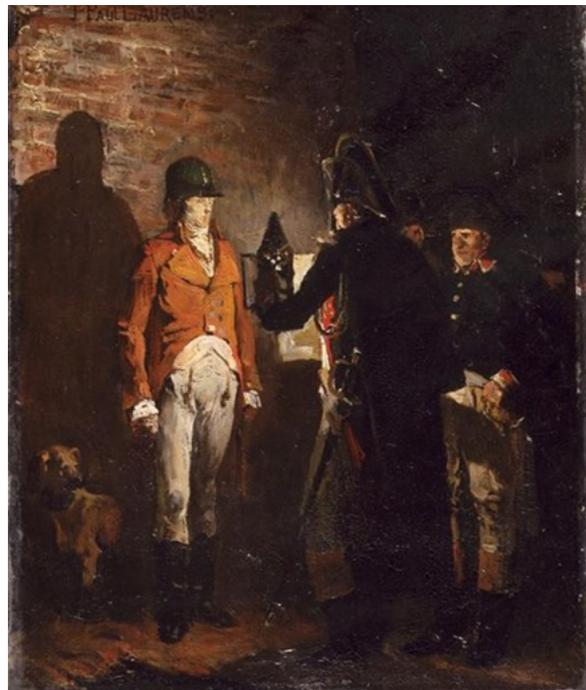
Martinet del.

Dandeleux, sculpt.

O julgamento do duque d'Enghien



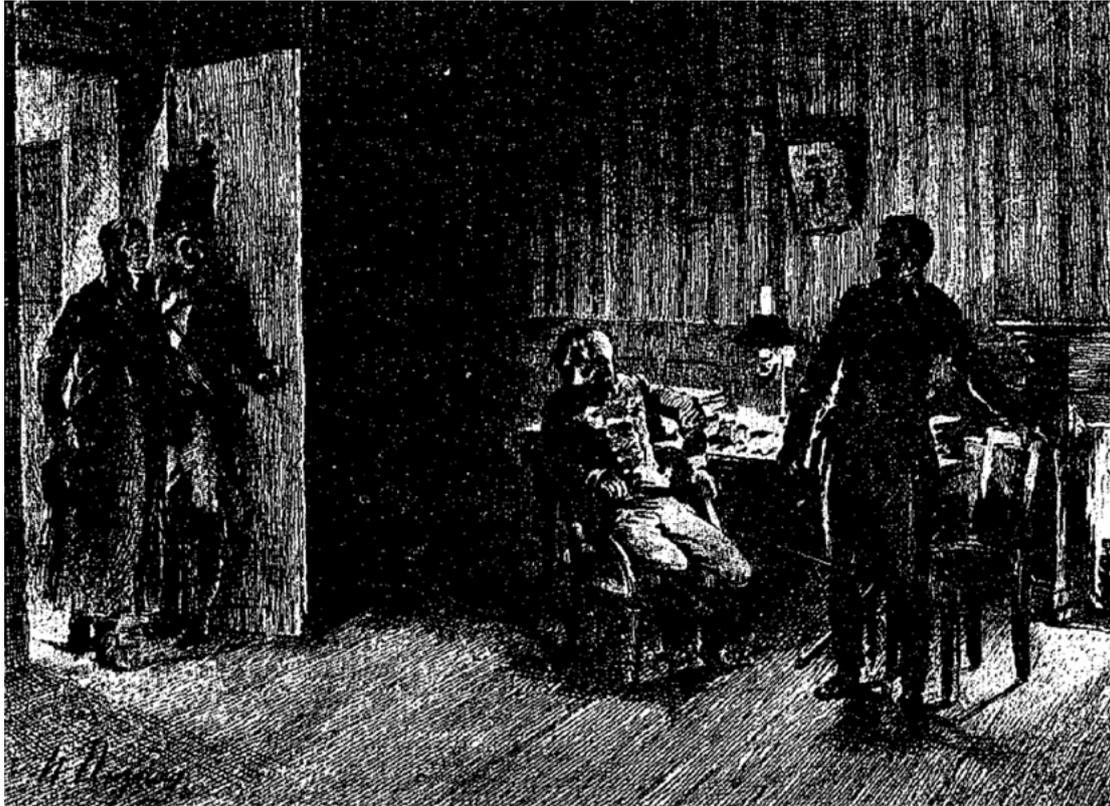
Local de execução do duque



Morte do duque d'Enghien, por Jean-Paul Laurens (1838-1921)

## Quadro 1

*Em Strasbourg. – Gabinete do general Leval, comandante da divisão. No fundo, porta com uma banda única. Janela à direita; lareira à esquerda. Na parede, um papel de listas amarelas largas, envelhecido. Não longe da lareira, uma mesa sobre a qual estão papéis (documentos), alguns livros, vários pergaminhos (registros) enrolados. Um candeeiro ilumina a sala. Espalhadas pela sala, cadeiras desparelhadas. Um retrato colorido – o do Primeiro Cônsul – é o único dependurado na parede.*



## Cena 1<sup>6</sup>

*Leval está sentado, de uniforme, pés voltados para a lareira, uma gazeta aberta sobre os joelhos, de costas para a mesa. Fririon, também de uniforme, um candelabro na mão, está de pé perto do retrato.*

---

6 As ilustrações foram copiadas do exemplar número 30 da edição Tresse & Stock, feita em Paris em 1886; os desenhos foram feitos por Henri Dupray e gravados em água-forte por L. Muller. Exemplar disponível em: [gallica.bnf.fr/bibliothèque nationale de france](http://gallica.bnf.fr/bibliothèque nationale de france).

[FRIRION] Evidentemente, ele se parece com você!... Evidentemente, é preciso reconhecer! Apenas... você pode dizer...

[LEVAL] Apenas o quê?

[FRIRION] Apenas, não encontro nele seu semblante altivo, nem seu olhar dominador, nem os contornos de sua boca, nem o inesquecível aspecto de toda a sua pessoa... E depois, o primeiro cônsul não está assim magro! E mais, nunca teve na vida esse ar bonachão! (*indo depositar o candelabro sobre a lareira*) O senhor nunca o viu?

[LEVAL] Sim, uma vez, por um instante, em Saint-Cloud,<sup>7</sup> há alguns anos.

[FRIRION] Oh! mas... se faz alguns anos, eu não me espanto de modo algum.

[LEVAL] E olhe... ele conversava com Moreau.

[FRIRION] Com Moreau?

[LEVAL] Sim.

[FRIRION] Não havia inveja ainda?

[LEVAL] Parece.

[FRIRION] (*sentando-se*) Aquele pobre Moreau! (*um curto silêncio*) Ali estava alguém que pode se gabar de ter desperdiçado bestamente seu passado de homem honesto!

[LEVAL] O fato é que dificilmente valia a pena vencer os austríacos em Hochstet e Hohenlinden, para vir naufragar hoje em dia num complô de emigrados, em companhia de um Cadoudal!<sup>8</sup>

---

7 Napoleão Bonaparte foi proclamado como Imperador dos Franceses em Saint-Cloud, no dia 18 de Maio de 1804 no castelo de Saint-Cloud, que frequentara muitas vezes.

8 Os Cadoudal (Kadoudal, em bretão) eram uma família da nobreza francesa que em 1790, no vendaval da Revolução, foi alijada de sua nobiliarquia. Originária da paróquia de Brech, na Bretanha, a alguns quilômetros de Auray na diocese de Vannes, onde possuía no século XVIII o domínio de Kerleano, defendeu a causa da realeza por ocasião das guerras da Vendeia, ou *Chouannerie*, a guerra civil (1792-1804 e 1815) que opôs os revolucionários republicanos e os monarquistas ocidentais da França, na Bretanha (Maine, Anjou e Normandia). Os chouan, insurgentes monarquistas (que incluíam os camponeses vendeanos) da Bretanha, do Maine, da Baixa Normandia e do norte de Anjou. Duas corujas (*chouette*) integravam o brasão de armas monarquista da Bretanha. Após a Revolução, a família subsistiu após 1815, tendo perdido muitas de suas deferências, tendo afrancesado seu nome em Cadoudal. “Um” Cadoudal só pode ser uma referência a Georges Cadoudal, ver nota 11

[FRIRION] *(com um grande gesto desencorajado)* Esse aí era ambicioso e invejoso, o que você queria? Foi no Temple<sup>9</sup> que ficou preso?

[LEVAL] Sim, no Temple.

[FRIRION] E Pichegru?<sup>10</sup>

[FRIRION] Um belo final também para o vencedor da Holanda!... Hein, Leval?

[LEVAL] *(amargamente)* Sim, sim...um final muito bonito! Soberbo, mesmo! *(pega o jornal que está sobre seus joelhos, dá uma olhada, depois o coloca sobre a mesa, sem ter lido nada. – Um silêncio, durante o qual se ouve a chuva cair lá fora.)*

[FRIRION] Como chove!

[LEVAL] *(levantando-se e caminhando pela sala)* São os granizos deste mês de Ventôse<sup>11</sup>. *(novo silêncio)*

[FRIRION] *(bruscamente)* Diz aí, Leval, no campo de Boulogne se está patinhando já faz quinze dias.

[LEVAL] No campo de Boulogne e outros lugares... nas estradas. O diabo não se importa se o enviado que esperamos pode chegar esta noite! – Que horas são?

[FRIRION] Uma da madrugada, acho.

[LEVAL] *(parando, para consultar seu relógio)* É verdade!... Uma hora... Ainda. *(torna a caminhar. Um silêncio)*

[FRIRION] *(levantando-se)* Não conheço nada mais irritante do que esperar por alguém que não chega.

---

9 A “Torre do Templo” e seu terreno constituem a Casa do Templo, antiga fortaleza parisiense, situada no 3º *arrondissement* de Paris, destruída em 1808. Construída pela Ordem dos Templários a partir de 1240, durante o reinado de São Luís, converteu-se a seguir em uma prisão. Deve sua celebridade ao fato de ter servido de cárcere à família real de França entre 1792 e 1793, durante a Revolução Francesa.

10 Jean-Charles Pichegru (1761-1804) foi um distinto general das guerras revolucionárias francesas. Sob seu comando, tropas francesas avançaram sobre a Bélgica e os Países Baixos antes de partir para a frente do Reno. Mais tarde participou de uma conspiração lealista para remover Napoleão Bonaparte do poder. Ela fracassou e os líderes do complô, incluindo Pichegru, foram executados. Apesar de sua deserção, seu sobrenome está incluído no Arco do Triunfo, coluna 3

11 No calendário revolucionário ou calendário republicano, era o terceiro mês do inverno, de 19 de fevereiro a 20 de março, marcado pela constância de ventos.

[LEVAL] Por quê?

[FRIRION] Como! Você não acha estranho, você, ter sido convocado por ordem secreta do ministro e ficar aqui nessa espera, sem saber o que querem de nós?

[LEVAL] Não.

[FRIRION] Que sorte você tem!

[LEVAL] Você quer o jornal? *(movimenta-se para pegar o jornal, e o estende para Fririon)*

[FRIRION] *(pegando o jornal e se instalando sob o foco do candeeiro)* Há novos detalhes sobre o complô?

[LEVAL] *(sentando-se à mesa e abrindo um registro)* Sim, aí na primeira página. *(Um silêncio)*

[FRIRION] Veja! É sobre a estrada de Malmaison onde Cadoudal<sup>12</sup> e seus cúmplices deviam atacar o veículo do primeiro cônsul.

[LEVAL] *(sem tirar os olhos do registro)* O lugar não foi mal escolhido, me parece.

[FRIRION] Não, não era ruim.

[LEVAL] *(sempre com os olhos no registro)* Diz aí por que o capitão Bénard estourou os miolos?

[FRIRION] Por causa de uma mulher. – Escute! Está escrito aqui que um príncipe de sangue esteve presente ao ataque.

---

<sup>12</sup> Referência a George Cadoudal, 1771-1804, um general chuã, comandante do Exército católico e monarquista da Bretanha. Filho de camponeses abastados, carismático e dotado de uma força hercúlea, Cadoudal foi partidário da Revolução francesa. Dela se afastou em 1791, após a constituição civil do clero, depois pegou em armas contra ela em 1793 para se opor ao recrutamento militar do levante em massa. Na sequência do fracasso das rebeliões camponesas na Bretanha, Cadoudal chega à Vendeia em junho. Capitão nas companhias bretãs sob as ordens de Bonchamps, toma parte nas batalhas da guerra da Vendeia. Após assinar o tratado de Beauregard, recusa o grau de general no exército republicano e se opõe ao primeiro cônsul Napoléon Bonaparte. Feito tenente e comandante das tropas reais na Bretanha, encontra refúgio na Inglaterra após um atentado cometido por dois de seus oficiais. Volta a Paris em 1804, organiza um complô visando capturar ou matar o primeiro cônsul com um grupo de homens armados enquanto o general Pichegru é encarregado de assumir a chefia do governo e proclamar Louis XVIII. La conspiração é desmantelada pela polícia de Fouché e os conspiradores são presos. Cadoudal é condenado à morte e guilhotinado no dia 25 de junho com outros 11 monarquistas. Sua família foi enobrecida por Louis XVIII e ele feito Maréchal de France a título póstumo.

[LEVAL] Em qual ataque?

[FRIRION] Ao ataque dirigido contra o primeiro cônsul.

[LEVAL] Desculpe, eu estava distraído... com efeito... um príncipe...

[FRIRION] Sabe-se qual?

[LEVAL] Não, ainda não. Você viu que Cadoudal tinha sessenta mil francos consigo quando foi preso?

[FRIRION] A Inglaterra sempre fez muito bem as coisas... Mas, em tudo isso, veja, Leval, o mais estranho é que os conjurados se deixassem derrotar pela guarda do cônsul!

[LEVAL] Infelizmente, uma dezena de cavaleiros, atacados de surpresa por cem gaiatos determinados, não me parecem, de modo algum, suscetíveis de se dar bem.

[FRIRION] Cem? Eles eram cem mesmo?

[LEVAL] Nem um a menos.

[FRIRION] Oh! Mas, então... o primeiro cônsul escapou de boa.

[LEVAL] (*os olhos novamente sobre o registro*) Sim...melhor impossível.

[FRIRION] O que não entendi muito bem, por exemplo, é a ideia daquele bando de chuãs<sup>13</sup> querendo assassiná-lo; no fim das contas, com Bonaparte morto a República não subsistiria nem mais um instante.

[LEVAL] Quem sabe, meu caro! Veja então se, aos olhos da Europa e dos franceses, neste momento, o primeiro cônsul... sscht!

[FRIRION] O quê?... O que é que foi?

---

13 A *Chouannerie* foi uma guerra civil que opôs os revolucionários republicanos e os monarquistas ocidentais da França, na Bretanha (Maine, Anjou e da Normandia). Fez parte da Guerra da Vendeia, em conflitos que compuseram as chamadas Guerras do Oeste. Os primeiros enfrentamentos haviam ocorrido em 1792 por meio das *jacqueries paysannes*, ações de guerrilha e batalhas, que terminaram com a vitória final dos Republicanos, em 1800. O nome deriva de *chouan*, como eram chamados os camponeses vendeanos. Publicado em 1829, é na edição de 1834 que um romance de Honoré de Balzac receberá o título definitivo de *Les Chouans ou la Bretagne en 1799*, que, a partir de 1845, passou a fazer parte das “*Scènes de la vie militaire*” de sua *Comédie humaine*.

[LEVAL] (*ouvindo*) Acho que um veículo parou aí na frente deste prédio. (*ambos param para escutar*)

## Cena 2

[UM SOLDADO] (*abrindo a porta e anunciando*) O cidadão-general Ordener.

(*Entra Ordener, em trajes civis: longo redingote de cor marrom, calças também marrons, bota à la Suwaroff. Cartola na cabeça. Leval avança alguns passos na direção de Ordener. O soldado saiu e fechou a porta*)

## Cena 3

(*todos se saúdam*)

[ORDENER] Queiram me desculpar por me apresentar assim diante dos senhores, cidadãos, mas mal cheguei de Paris, por caminhos espantosos, com ordens que me apressei em cumprir (*para Leval*) O senhor é o general Leval, não é? Comandante da divisão de Strasbourg?

[LEVAL] Eu sou o general Leval; este aqui é o general Fririon. Queira sentar-se e se aquecer, cidadão. Nós o esperávamos. (*Ordener coloca seu mantô sobre uma cadeira*)

[ORDENER] É preciso que ninguém ouça a conversa que vamos ter. Afaste, por favor, o soldado que me trouxe aqui.

[LEVAL] (*abrindo a porta e se dirigindo ao soldado*) Não precisamos mais do senhor; volte para a caserna. (*ruído de passos se afastando*)

[ORDENER] (*sentando-se*) Eis o que tenho a lhe dizer: haverá uma grande movimentação de tropas em toda a região. A seu cargo. (*Leval e Fririon também se sentam. – para Leval*) O senhor deve despachar de Schelestadt trezentos homens do 26º de dragões. Eles deverão estar em Rheinau às 8 horas da noite.

[LEVAL] Perfeitamente, cidadão-general.

[ORDENER] O senhor também enviará a Rheinau 15 pontoneiros que deverão chegar, igualmente, às 8 horas da noite. Eles deverão partir como sentinelas ou em cavalos da artilharia.

[LEVAL] Perfeitamente.

[ORDENER] Essas tropas deverão ser munidas de cartuchos e ração para quatro dias.

[LEVAL] Perfeitamente.

[ORDENER] O senhor juntará ao corpo que acabo de designar 130 gendarmes com um tenente e um capitão. (*gesto de assentimento de Leval*)

[FRIRION] Perdão, cidadão-general... mas... poderíamos saber...

[ORDENER] (*interrompendo*) Eu ia mesmo informá-los: o objetivo de minha missão é cercar a cidade de Ettenheim e sequestrar o duque de Enghien.

[LEVAL] Como! Em território neutro? Nas barbas do grão-duque de Baden?

[ORDENER] Em território neutro.

[FRIRION] Diabos!

[ORDENER] É essa a ordem do primeiro cônsul. O general Caulaincourt, que virá amanhã de manhã, vai chegar com duzentos homens em Offenbourg, onde vai prender diversos agentes do governo inglês.

[FRIRION] Mas então, o príncipe que devia participar do assassinato do primeiro cônsul é o duque de Enghien?

[ORDENER] Eu não sei, cidadão general. É o que dizem.

[LEVAL] São essas as ordens que tem para nos dar?

[ORDENER] Não apenas essas, cidadão. Depois que o general Caulaincourt e eu partirmos, o senhor deverá despachar 300 homens da cavalaria e 4 peças de artilharia ligeira para Kehl, depois expedir um regimento de infantaria para Wildstadt. Não se sabe o que poderá acontecer.

[LEVAL] Perfeitamente.

[ORDENER] Em Neuf-Brisach, também será preciso passar cem homens para a margem direita do Reno. Cem homens e dois canhões. As tropas não deverão exigir nada dos habitantes.

[LEVAL] Mas, o dinheiro, cidadão-general, o dinheiro necessário para os gastos da expedição, para quem devo pedir?

[ORDENER] A mim. Tenho, lá em baixo, doze mil francos em meu veículo. O general Fririon me acompanhará a Ettenheim. *(um curto silêncio)*

[LEVAL] É tudo, cidadão?

[ORDENER] É tudo. Só me resta lhes entregar os despachos de que me fiz portador. *(abrindo seu redingote e retirando alguns papéis de um bolso)* Aqui estão, cidadão-general; eles me apresentam ao senhor.

[LEVAL] *(pegando os papéis)* Eu lhe agradeço. *(ele os abre, começa a lê-los. – ouve-se a chuva caindo lá fora.)*



## Quadro 2

*A sala de jantar do duque de Enghien em Ettenheim. Duas portas à esquerda; uma lareira à direita. Algumas armas de caça, ao alcance das mãos, acima da lareira. Ao fundo, duas janelas altas através das quais se percebe, começando*



*a se destacar sobre as alvuras de um céu matinal, as árvores sem folhas de um pequeno parque. No meio da sala, uma mesa sobre a qual se estende uma toalha. O mobiliário é muito simples. – O dia segue clareando pouco a pouco.*

## Cena 1

**[SIMON]** *(entrando bruscamente, enquanto Pierre sacode uma toalha)* E aí, Pierre, já estamos prontos? Como!... Já vai dar 6 horas e você ainda não terminou de estender essa toalha?

**[PIERRE]** Não, mestre Simon, ainda não...ainda não deu tempo.

[SIMON] Mas você bem sabe que Monsenhor,<sup>14</sup> quando sai em caçada, gosta do café da manhã bem cedo.

[PIERRE] Sim, mas...

[SIMON] Vamos, vamos, pata choca, tem que se decidir a ser um pouco mais esperto!

[PIERRE] Eu sou esperto, senhor, mas nessa hora a vivacidade me falta.

[SIMON] Vamos, despache-se.

[PIERRE] Ah! mestre Simon, que bicho foi que lhe picou na cama nesta noite? O Monsenhor já se levantou? Monsenhor não precisa lá dos seus serviços pra o senhor cair aqui como uma bala de canhão?

[SIMON] Monsenhor já se levantou, se barbeou e se vestiu. Eu acabei justamente de lhe calçar as polainas.

[PIERRE] Neste caso, estou pronto. Tudo vai ficar prontinho, em cinco minutos. *(contando os guardanapos)* Um, dois, três, quatro...quatro e o tenente Schmitt fazem cinco... Pronto, está vendo?... já está tudo no lugar. *(apressurando-se ao redor da mesa e posicionando os garfos e as facas)* Diz aí...

[SIMON] O que?

[PIERRE] É na Floresta Negra que Monsenhor vai caçar?

[SIMON] Sim.

[PIERRE] Sozinho?

[SIMON] Não, com o senhor barão de Grünstein.

[PIERRE] Sabe quando ele vai voltar?

[SIMON] Provavelmente numa vintena de dias, como de hábito. Por que está me perguntando tudo isso?

[PIERRE] Porque... conheço alguém que vai se entediar alegremente esperan-

---

14 *Monseigneur* é um título honorífico em francês, usado antes do nome de um prelado ou de um membro da Família Real ou outro dignitário. Antes da queda da monarquia francesa, *Monseigneur* era equiparado a Sua Alteza Real, ou Sua Alteza, quando utilizado como parte do nome de um príncipe real.

do que voltem.

[SIMON] (*zombando*) Ah! você conhece alguém que vai...

[PIERRE] Sim... uma senhora.

[SIMON] (*continuando a zombar*) Ara! Vá!

[PIERRE] A senhora princesa de Rohan.

[SIMON] (*mudando de tom*) Pois bem, o que você tem com isso?

[PIERRE] Nada; mas se eu fosse o senhor duque de Enghien, eu faria alguma coisa... E jamais iria caçar... E não abandonaria desse jeito, durante 8 dias, a senhora princesa, que é uma bela mulher.

[SIMON] Você acha?

[PIERRE] Sim.

[SIMON] De verdade?

[PIERRE] Tão verdade que acabei de lhe dizer.

[SIMON] (*zombando novamente*) Que honra para a senhora princesa.

[PIERRE] Não se trata de uma grande honra, eu bem sei... sobretudo para a filha de um cardeal com uma...

[SIMON] Hein?... O que você está dizendo?

[PIERRE] Mas como, o senhor não sabia?

[SIMON] (*friamente*) Não.

[PIERRE] Mas isso está na boca de todo mundo, mestre Simon... e muito mais coisas ligadas a isso.

[SIMON] Que coisas?

[PIERRE] Essas que o senhor conhece tão bem quanto eu?

[SIMON] Eu lhe juro...

[PIERRE] Ah! vá!

[SIMON] Ah! mas você é mesmo um burro empacado, Pierre. Pois se lhe digo que não sei de nada, é porque não sei de nada. Que interesse eu teria em lhe mentir? *(um curto silêncio)*

[PIERRE] Pois bem, dizem que a senhora princesa e o Monsenhor são casados e não querem que se saiba disso.

[SIMON] Por quê?

[PIERRE] Santo Cristo!

[SIMON] Por que não desejariam que se saiba disso?

[PIERRE] Mas, sem dúvida por causa daquilo que lhe contei há pouco.

[SIMON] Que a senhora de Rohan é filha de um cardeal?

[PIERRE] Sim. Pode ser que o pai e o avô do Monsenhor não ficassem satisfeitos em saber... *(a um gesto de Simon)* Escute, dá para entender um pouco, mestre Simon... e, juro, veja, eu mesmo, assim como o senhor está me vendo, eu que não sou mais que um doméstico, se eu tivesse um filho...

[SIMON] Quer que eu lhe dê um conselho, Pierre?

[PIERRE] Pode começar.

[SIMON] Para começar, você tem mesmo que continuar aqui?

[PIERRE] *(guardanapos na mão)* Fico porque sou monarquista... e por amizade ao Monsenhor.

[SIMON] Pois bem! Então não se meta naquilo que não lhe diz respeito. Compreendeu? *(um curto silêncio)*

[PIERRE] *(depositando o último guardanapo sobre um prato)* A mesa está posta, mestre Simon.

*(Entra a princesa de Rohan; os dois criados se endireitam bruscamente)*

## Cena 2

[PRINCESA] Sou eu, Simon. Bom dia.

[SIMON] Senhora princesa...

[PRINCESA] Sua Alteza já se foi?

[SIMON] Ainda não, senhora princesa, mas Sua Alteza deve estar saindo de seu quarto.

[PRINCESA] Vá, então, dizer-lhe, eu lhe peço, que estou aqui e que quero lhe desejar uma boa viagem. Já são 7 horas?

[SIMON] O relógio acabou de dar as 6 horas. Monsenhor vai ficar bastante feliz, surpreso. A senhora princesa quer que eu pegue seu mantô?

[PRINCESA] Oh! Sim. *(Simon a ajuda com o mantô)* Assim, pronto... Coloque-o numa cadeira.

[SIMON] *(colocando o mantô numa cadeira)* A senhora princesa sentiu muito frio ao vir para cá?

[PRINCESA] Não, não muito.

[SIMON] *(prestes a deixar a sala)* Eu sugeriria que a senhora princesa passasse ao salão; mas, como ainda não teve tempo de se aquecer...

[PRINCESA] *(aproximando-se da lareira)* Estou me sentindo muito bem aqui, obrigada

[SIMON] *(após abrir a porta)* Ah! Monsenhor acaba de chegar.

### Cena 3

[DUQUE] *(vestido para caça. – Perto da porta. Baixo, para Simon, no momento de entrar)* Quem está aí?

[SIMON] *(também falando baixo)* A senhora princesa de Rohan. *(o duque entra, Simon desaparece)*

### Cena 4

[DUQUE] A senhora, princesa?

[PRINCESA] O senhor não vai se ausentar por vários dias?

[DUQUE] (*beijando-lhe a mão*) A senhora não acreditaria como me sinto incomodado em deixá-la assim aborrecida. É muito encantadora, amável.

[PRINCESSE] O senhor está contente comigo?

[DUQUE] Se estou contente!... Toma café conosco, diga!... Aceita?

[PRINCESA] É que...

[DUQUE] É que?

[PRINCESA] É que eu não sinto fome a esta hora.

[DUQUE] Ah! princesa, a senhora vai ver. Não se diz que o apetite vem quando se vê alguém comer?

[PRINCESA] (*sorrindo*) Dizem isso, é?... O senhor acredita?

[DUQUE] Tenho certeza disso.

[PRINCESA] Neste caso, aceito seu convite.

[DUQUE] (*para Pierre*) O senhor ouviu?

[PIERRE] Sim, Monsenhor.

[DUQUE] Ocupe-se, então, de nos servir o melhor possível. Ninguém ainda desceu de seu quarto?

[PIERRE] Vi apenas o senhor barão de Grünstein, Monsenhor.

[DUQUE] Muito bem. Avie-se, meu bravo Pierre. (*Pierre sai*)

## Cena 5

[DUQUE] Me permite agora te abraçar, e dizer o quanto te amo?

[PRINCESA] (*nos braços dele*) Eu também te amo, meu Henri.

[DUQUE] Eu tinha uma vontade enorme de saltar ao seu pescoço quando entrei! Mas, arre! Parece coisa mandada, sempre tem alguém para nos perturbar. Nós seríamos tão felizes, entretanto, se vivêssemos com um pouco mais de aprovação e menos vigilância.

[PRINCESA] Sim.

[DUQUE] Oh! Nós teríamos ganho tranquilidade, nossa tranquilidade, se, um dia ou outro, ela se decidisse a vir; você sabe, eu estou farto de esperar, para beijar minha mulher, que os criados saiam... e, eu tenho que, proximamente, ir para Londres!

[PRINCESA] Vai me deixar de novo?

[DUQUE] Tenho vontade de contar tudo para meu avô.

[PRINCESA] Ao príncipe de Condé?

[DUQUE] Sim, a ele, primeiro... porque, se ele aceitar nosso casamento, meu pai não terá muita dificuldade em aceitá-lo. *(um silêncio)* E então? *(novo silêncio)* Parece que não gostou do que eu disse.

[PRINCESA] Sim, gostei, gostei muito mesmo, sua intenção é tão generosa que... na verdade... mas...

[DUQUE] Mas o quê?

[PRINCESA] Tenho medo que você atraia para nós uma montanha de aborrecimentos.

[DUQUE] Uma montanha... de aborrecimentos...

[PRINCESA] E, entre outras coisas, que você venha muito rapidamente a lamentar sua atitude.

[DUQUE] Por quê?

[PRINCESA] Por quê? Mas, porque... sem dúvida, ela seria uma causa de embaraços entre você e sua família... *(a um gesto do duque)* Você é de uma linhagem tão alta...

[DUQUE] Ora!

[PRINCESA] Oh! Meu Henri... Reflita, e vai ver que é melhor continuar a viver

como temos vivido até este dia... É extremamente desagradável, eu sei, mas o que você quer?

[DUQUE] Como? Você mesma confessa que é extremamente desagradável, e quer que eu me conforme...

[PRINCESA] O remédio será pior que o mal... E depois... e depois...

[DUQUE] O quê?

[PRINCESA] E depois, por mais misterioso que tenha sido nosso casamento, você tem certeza de que seu pai e seu avô não tenham sabido dele?

[DUQUE] Que seja! Mas, então, por que não recebi nenhuma reprovação da parte deles?

[PRINCESA] Porque, na bondade deles com relação a você, talvez estejam fingindo que não sabem... quem sabe? Talvez estejam esperando que você mesmo lhes conte...

[DUQUE] É muito improvável!... Entretanto...

[PRINCESA] Posso estar enganada, mas, já há bastante tempo, imagino que o padre Weinborn, que nos casou...

[DUQUE] Weinborn?

[PRINCESA] É tão fácil ele se enganar acreditando que vai ajudar.

[DUQUE] Confio em Weinborn como em mim mesmo.

[PRINCESA] Confia também nas nossas testemunhas?

[DUQUE] De Grünstein? De Thumery? São cavalheiros... meus amigos e meus hóspedes; por que eles me trairiam?... O que importa, aliás? Prefiro as situações claras. As pessoas terminariam por acreditar que tenho vergonha de você! E depois, não é nobre, não é nada nobre ter escolhido uma mulher e não o confessar... Vou contar tudo para meu avô.

[PRINCESA] Tome cuidado!

[DUQUE] Eu te amo e vou provar minha afeição. Já demorei muito em fazê-lo.

[PRINCESA] Mais uma vez, tome cuidado!

[DUQUE] Aconteça o que acontecer.

[PRINCESA] Não diga isso... Não é bom, Henri... Oh! De modo algum... tanto mais que talvez exista um meio, não de resolver as coisas, mas de amenizá-las. Se nosso casamento no fim das contas não convém ao seu avô, prometa a ele, Henri, nunca torná-lo público. Você é o orgulho dele, sobretudo seu orgulho, que ele não saberá administrar de outro modo. Você, você me ama, não é? Você tem os olhos quase fechados sobre a desproporção de nosso casamento; ele, ele não me conhece nem um pouco e, por conseguinte, verá em mim apenas...

[DUQUE] Schuut!

[PRINCESA] Você tem razão... mas acredite em mim apesar de tudo: tenha o cuidado de não o magoar. Isso seria duplamente lamentável, por esse tempo infeliz em que a família da França já está vivendo. Prometa-me agir com as maiores reservas.

[DUQUE] Prometo tudo o que você quiser.

[PRINCESA] Agora é minha vez de ficar contente com você... Me beije...

## Cena 6

*(Entram o abade Weinborn e o barão de Grünstein, em roupa de caça. Ambos se inclinam profundamente diante do duque e da princesa.)*

[DUQUE] *(sem mudar de lugar)* Bom dia, abade... bom dia, meu caro Grünstein. Tiveram uma boa noite?

[GRÜNSTEIN] Uma noite excelente, Monsenhor.

[DUQUE] Eu sonhei que lutávamos outra vez contra os republicanos e, durante toda a noite, ouvi a sinfonia dos tiros de fuzil.

[GRÜNSTEIN] Queira Deus, Monsenhor, que seu sonho se transforme bem cedo em realidade.

[DUQUE] Não é outro o meu desejo, Grünstein. *(continuam sua conversa em voz baixa)*

[WEINBORN] *(que se aproximou da princesa)* Monsenhor vai ficar longe duran-

te muitos dias?

[PRINCESA] Uns poucos dias, senhor abade... mas o senhor sabe que jogo dados e também que ouço de muito bom grado as leituras que o senhor me faz.

[WEINBORN] Estarei à sua disposição, senhora.

## Cena 7

*(Entram o marquês de Thumery, o tenente Schmitt e Pierre, que começa a servir.)*

[DUQUE] Ah sejam bem-vindos, senhores. *(para Thumery)* Pois bem, marquês, está com um bom apetite?

[THUMERY] Como se tivesse vinte anos, Monsenhor. Um belo tempo para caçar, não é?

[DUQUE] Para caçar e para fazer a guerra, marquês; infelizmente...

[SCHMITT] *(para a princesa)* Eu não esperava ter a honra de ver a senhora princesa nesta manhã.

[PRINCESA] A que horas o senhor chegou ontem?

[SCHMITT] À meia-noite, senhora princesa. Foi por isso mesmo que não pude até agora dar-lhe meus cumprimentos.

[DUQUE] Pois bem, Schmitt, que notícias nos traz de Londres? Viu o conde d'Artois?

[SCHMITT] Sim, Monsenhor, vi o senhor conde e também Sua Alteza o duque de Berry; ambos me pareceram muito tristes, nunca os havia visto tão tristes. A Vendaia não cumpre suas promessas.

[DUQUE] Os ingleses, eles pelo menos, estão dispostos a apoiar vigorosamente a guerra?

[SCHMITT] Sim, Monsenhor. A Mancha e o Mar do Norte já estão cheios de vasos de guerra. Todos os portos da França estão bloqueados desde o Escaut até o Somme.

[THUMERY] Que o Senhor Bonaparte faça, então, sua flotilha sair de Boulogne, agora!

[SCHMITT] Só em Londres há mais de 20 mil voluntários em armas.

[DUQUE] *(com quem Pierre veio falar baixinho)* Para a mesa, senhores! Continuaremos a falar enquanto comemos. *(conduz a princesa de Rohan ao lugar de honra; para Thumery)* Marquês, gostaria de sentar-se à esquerda da senhora de Rohan?... O senhor, abade, à frente dela... Grünstein perto de mim e Schmitt à frente de Thumery. *(todos se posicionam, mas permanecem em pé).*

[WEINBORN] *In nomine Patris, et Filii, et Spiritus sancti.*

[TODOS] Amém.

[WEINBORN] *Benedicite.*

[TODOS] *Dominus.*

[WEINBORN] *Benedic, Domine, nos et haec tua, dona quae de tua largitate sumus sumpturi. Per Christum Dominum nostrum.*

[TODOS] Amém.

[WEINBORN] *In nomine Patris, et Filii, et Spiritus sancti.*

[TODOS] Amém.

*(todos se sentam; depois de um curto silêncio, durante o qual cada um desdobra seu guardanapo, Pierre começa a servir.)*

[PRINCESA] *(para Schmitt)* O senhor dizia que apenas em Londres há vinte mil voluntários em armas?

[SCHMITT] Sim, senhora princesa. Ouvi isso do próprio ministro Addington, na casa de Sua Alteza o conde d'Artois.

[DUQUE] Então, para se levantar assim em massa, a Inglaterra tem lá seus temores? Ela leva a sério os preparativos que estão sendo feitos em Boulogne?

[SCHMITT] Sem dúvida, Monsenhor; e ainda mais que, todo dia, tanto o exército de Boulogne se habitua ao mar, que lhe basta uma noite de nevoeiro para abordar Douvres; e, ao que parece, num combate que ocorreu em Wimereux, as chalupas canhoneiras francesas se comportaram brilhantemente contra brigues e fragatas.

[GRÜNSTEIN] Diabos! Desde que esse bandido do Bonaparte não chegue à

Inglaterra!

[DUQUE] Eu, Grünstein, estou convencido de que ele vai chegar lá. Tem tanta genialidade e sorte... É um grande homem...

[THUMERY] (*protestando*) Oh! Oh!... Monsenhor, como pode dizer...

[DUQUE] Eu o detesto... mas, acredite em mim, Thumery, é um grande homem. O senhor verá como vai humilhar a Inglaterra... O senhor vai ver.

[THUMERY] O céu nos preserve desse desastre, Monsenhor! Pois em Paris, neste momento, nossos negócios vão mal. Georges foi preso, o pobre Georges, tão corajoso, tão devotado ao seu partido. E os senhores de Polignac e de Rivière também foram presos.

[DUQUE] E Pichegru... e Moreau...

[GRÜNSTEIN] (*com desprezo*) Ah! esses!

[WEINBORN] O fato é que...

[DUQUE] Ah! senhores, toda essa conspiração do Georges, que as gazetas aplaudem, então é real? Quanto mais penso nela, entretanto, menos consigo compreendê-la. Será possível, meu Deus, que Georges foi a Paris apenas para matar Bonaparte?

[SCHMITT] Não há qualquer dúvida, Monsenhor.

[DUQUE] Então, tanto pior!... Na verdade, muito pior!...

[THUMERY] Por quê?

[DUQUE] Porque Georges, transformado em assassino, me perturba mais do que antes, como um mero chuã.

[GRÜNSTEIN] Mas, Monsenhor, Georges não é um assassino... porque Bonaparte terá sabido se defender, porque ninguém o atacaria no meio de sua guarda.

[DUQUE] Ora, Grünstein, o senhor sabe muito bem que Georges teria colocado mais ativos em seu jogo do que seu adversário e que, por conseguinte...

[GRÜNSTEIN] Mas, Monsenhor...

[DUQUE] Ora, vamos... o senhor não pretende que Georges, caindo de repente

e de surpresa sobre a guarda do cônsul, teria agido com a mesma nobreza do arquiduque Charles combatendo o general Bonaparte na batalha de Tagliamento?<sup>15</sup>  
[THUMERY] Evidentemente, não, Monsenhor, mas há necessidade de se incomodar com a revolução?

[DUQUE] Ela já não guilhotinou Sua Majestade Louis XVI? Marie Antoinette? Ela não fez morrer, sob os golpes de um remendador de sapatos velhos, o pobre pequeno rei Louis XVII?<sup>16</sup>

[THUMERY] Não existe uma família nobre na França que não esteja no direito de usar luto.

[DUQUE] Eh! Thumery, a revolução, essa abominável revolução, que todos odiamos, ela fez cem vezes pior, é essa uma razão para que nós façamos como ela? O assassinato e a infâmia chamam-se irrevogavelmente infâmia e assassinato? De minha parte, meu gosto me leva para aqueles que, como o senhor, resolveram defender seus direitos e suas ideias nos campos de batalha; eu desprezo aquela gente em cujos meios de sucesso não está a coragem leal. (*virando-se bruscamente para Weinborn*) Não é verdade, abade, que tenho razão?

[WEINBORN] Sim, Monsenhor, o senhor tem absolutamente razão.

[PRINCESA] Se fosse possível, os homens de boa vontade não deveriam praticar o mal pelo mal, diante de certos crimes.

[THUMERY] Bom argumento, senhora.

[DUQUE] Veja, Schmitt, é verdade também que Georges só aceitou vir à França com a condição expressa de ter perto dele um príncipe de sangue por ocasião

---

15 Batalha de Tagliamento, do conjunto da campanha italiana de Napoleão Bonaparte; ocorrida no dia 16 de março de 1797, quando a primeira República Francesa, liderada por Napoleão, atacou e venceu um exército austríaco habsburgo comandado pelo arquiduque Charles, duque de Teschen. A batalha integra a Guerra da Primeira Coalisão, parte das guerras francesas revolucionárias.

16 No outono de 1792, toda a família real francesa foi em cerraada na Torre do Templo, após a abolição oficial da monarquia. Quando seu pai Louis XVI foi guilhotinado em 21 de janeiro de 1793, os monarquistas proclamaram-no rei com o nome de Luís XVII, sendo nomeados regentes o conde de Provença e o tenente-general do reino, o conde de Artois, ambos exilados na Vestfália. A pedido da Convenção, o garoto foi separado da família em 3 de julho. Segundo sua irmã Maria Teresa relataria mais tarde, sua mãe Maria Antonieta opôs-se fortemente a essa determinação, apenas cedendo quando os carcereiros ameaçaram usar de violência contra o delfim. Sua educação foi confiada a Antoine Simon, um sapateiro analfabeto, cuja tarefa era colocar o menino contra a mãe para que ele fosse usado como arma no julgamento de Maria Antonieta. Em 6 de outubro, Luís Carlos assinou uma declaração em que acusava a mãe de tê-lo iniciado em práticas masturbatórias e incestuosas.

do atentado? O senhor ouviu falarem disso?

[SCHMITT] Ouvi dizer... sim, Monsenhor.

[DUQUE] E o senhor sabe quem seria esse príncipe?

[SCHMITT] Sua Alteza o duque de Berry.<sup>17</sup>

[DUQUE] O duque de Berry!... Ele tinha a aprovação do rei?

[SCHMITT] Não, Monsenhor.

[DUQUE] Então, por Deus!

[SCHMITT] Mas eu ouvi dizer também, Monsenhor, que Georges, no momento de partir, desistira de sua intenção.

[DUQUE] (*levantando-se*) Se os senhores quiserem me acompanhar, vamos beber, como fazemos todos os dias, à saúde do rei Louis XVIII que, por enquanto, está em Varsóvia, longe de seu povo e longe dos seus.

[TODOS] Ao rei! (*tilintar de taças*)

## Cena 8

[SIMON] (*entrando, pálido, confuso*) Monsenhor! Os franceses! Os franceses!

[DUQUE] Como! Os franceses...

[THUMERY] Os franceses?

[SIMON] Sim, Monsenhor... os franceses... estão subindo os muros lá de trás... Salvem-se... Tenho certeza de que vieram prender os senhores... Depressa, Monsenhor, salve-se... (*indo até à janela*) lá! Olhe!... já estão no parque.

[PRINCESA] Salve-se... mas salve-se então, Henri...

[GRÜNSTEIN] Vou correndo fechar a casa a chave. (*sai, voltando em seguida*)

---

<sup>17</sup> Charles-Ferdinand d'Artois, duque de Berry, Versalhes 1778 – Paris 1820, vítima de um atentado perpetrado à sua saída da ópera, é um príncipe da *maison* de Bourbon. Filho de Charles X, conde d'Artois, e de Marie-Thérèse de Savoie.

[PRINCESA] Meu Deus! meu Deus!

[SCHMITT] Parta, Monsenhor... apresse-se... pela porta pequena, nos fundos da casa.

[DUQUE] Vejamos, meus amigos... vejamos! Reflitam um pouco! Assim não é possível!... nós não estamos na França... E, depois, por que queriam me prender?

[THUMERY] *(de pé perto da janela)* Já há uma dezena de soldados no parque!... Como eles saltam!

[SIMON] *(ao duque)* São os franceses... Eu juro que são os franceses... Conheço bem os uniformes deles! Salve-se, Monsenhor... O senhor não tem tempo a perder. *(sons de trompetes se respondendo ao redor da casa do duque)*

[GRÜNSTEIN] *(aterrado)* Estamos cercados. *(barulho de portas sendo batidas)*

[UMA VOZ] Eles fecharam as portas, cidadão-comandante. Devem ter feito barricadas.

[UMA OUTRA VOZ] Diabo do inferno!

[A PRIMEIRA VOZ] Espere! Vou abrir com as minhas botas! *(chutes na porta, que não para de sacudir)*

[DUQUE] *(após ter aberto uma janela)* O que é que há aí?... Estão malucos! O que estão querendo?

[VOZ DO COMANDANTE CHARLOT] Abram.

[DUQUE] Por quê?

[VOZ DO COMANDANTE CHARLOT] Abram, é minha ordem.

[DUQUE] Não antes de saber...

[VOZ DO COMANDANTE CHARLOT] Abram, ou vou arrombar a porta!

[DUQUE] Vamos ver! Essa, agora! *(pega um fuzil e o arma)*

[GRÜNSTEIN] *(segurando o fuzil pelo cano)* Perdão, Monsenhor... mas o senhor tem papéis comprometedores aqui?

[DUQUE] Como eu os teria?

[GRÜNSTEIN] Pois bem, largue seu fuzil... Toda resistência vai ser inútil... Veja, o jardim está cheio de soldados. Se o senhor atirar, eles vão responder, e a senhora princesa...

[PRINCESA] Não tenha medo por mim; atire, atire, Henri.

[DUQUE] (*depondo sua arma*) O senhor tem razão, Grünstein. Posso brincar com minha vida, mas apenas com a minha... Vai abrir, Pierre... e que esse tumulto termine... (*para Pierre, que hesita*) Vai logo, Pierre...

## Cena 9

[CHARLOT] (*pistola na mão*) Quem dos senhores é o duque de Enghien? (*para Schmitt, em traje de passeio*) É o senhor? (*Schmitt não responde*)

[DUQUE] Como é? O senhor foi encarregado de prender o duque e nem sabe que cara ele tem?

[GRÜNSTEIN] Primeiro, por que vieram prendê-lo?

[CHARLOT] Quem dos senhores é o duque de Enghien?

[DUQUE] Procure.

## Cena 10

(*A sala está cheia de gente: entram Ordener, Fririon um suboficial, oficiais, soldados.*)

[CHARLOT] Decididamente, os senhores não querem me responder?... Pois bem, se não disserem nada, vou prender todos os senhores.

[DUQUE] Não prenda ninguém; eu sou o duque.

[FRIRION] (*adiantando-se*) Então, o senhor é meu prisioneiro.

[DUQUE] Em nome de quê, senhor?

[FRIRION] Em nome do primeiro cônsul.

[DUQUE] De que sou acusado?

[ORDENER] Não temos essa informação, senhor. Ela não nos diz respeito. (*dirigindo-se ao suboficial*) Pferdorsf!

[SUBOFICIAL] Cidadão-comandante!

[ORDENER] Corra imediatamente até à prefeitura e traga o burgomestre. (*o oficial sai*)

## Cena 11

[ORDENER] (*ao duque*) É para confirmar sua identidade.

[DUQUE] (*desdenhosamente*) Assim está muito bem, senhor; o senhor pode fazer confirmar tudo o que quiser.

[GRÜNSTEIN] (*aproximando-se de Ordener*) O senhor é o general Ordener?

[DUQUE] Sim, Grünstein, ele é o general Ordener.

[GRÜNSTEIN] (*para Ordener*) Com efeito, pareceu-me mesmo reconhecê-lo.

[ORDENER] E então?

[GRÜNSTEIN] O diabo me leve se eu o acreditasse capaz de comandar uma emboscada como essa.

[ORDENER] (*vivamente*) Sou soldado, senhor, e meu dever é obedecer a meus chefes.

[GRÜNSTEIN] Há ordens e deveres que um homem honrado não deve receber nem cumprir.

[ORDENER] O senhor cale-se.

[DUQUE] Deixem, deixem disso, senhor, meu caro Grünstein; vão terminar por se fazer corar.

[GRÜNSTEIN] Eu obedeco, Monsenhor; mas se me for permitido encontrá-lo um dia em outros lugares...

[ORDENER] Ah! Cristo! Quando quiser, senhor. O ex-general Dumouriez não está aqui?

[SCHMITT] Tive o prazer de encontrá-lo em Londres há cerca de três semanas.

[ORDENER] Como o senhor se chama?

## Cena 12

[ORDENER] Queira se aproximar, senhor. *(o burgomestre entra; para ele)* eu lhe peço desculpas por perturbá-lo, mas preciso que o senhor testemunhe a identificação a que se vai proceder. Esse senhor é o duque de Enghien, não é?

[BURGOMESTRE] Esse senhor mesmo é o duque de Enghien.

[DUQUE] Encantado em vê-lo, senhor burgomestre. E, pois que o senhor está aí, queira, peço-lhe, apresentar ao grão-duque de Baden meus respeitos e a maneira descortês, digamos, como me prendem na casa dele?

[ORDENER] *(ao duque)* Não se preocupe com isso, senhor; o cidadão primeiro cônsul já se encarregou disso. *(para Charlot)* Anote a identificação do prisioneiro; o general Fririon vai ditá-la. *(Charlot se senta à mesa onde o príncipe e seus amigos haviam começado a almoçar)*

[FRIRION] *(olhos fixos no duque)* Cabelos e sobrancelhas... castanho claro... rosto oval, longo, bem feito... olhos cinza, tirando para o castanho escuro... boca mediana... nariz aquilino... queixo... um pouco pontudo, bem feito contudo... É só.

[DUQUE] *(sorrindo)* Temo que o senhor não tenha sido muito gentil, senhor. *(um silêncio, durante o qual o burgomestre assina a identificação)*

[ORDENER] *(para Fririon)* Não esquecemos nada?

[FRIRION] Nada de que me lembre, cidadão-general.

[ORDENER] Então, vamos pegar a estrada. *(prepara-se para partir)*

[DUQUE] *(para a princesa que, após a chegada dos soldados, sempre esteve ao seu lado)* Até à vista, duquesa... Você me desculpa ter deixado-a assim, não é? A culpa é desses senhores... *(ela se atira aos braços dele)*

[PRINCESA] Henri...

[ORDENER] Vamos, senhor, estrada, estrada...

[DUQUE] *(para a princesa, que ainda o abraça)* Vai pensar em mim?

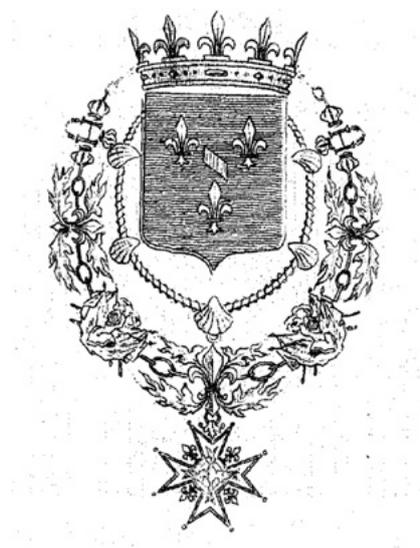
[PRINCESA] Em todos os minutos, Henri... *(ela está pálida e mal se sustenta em pé)*

[DUQUE] *(para Charlot, que se aproxima para levá-lo)* Uma desagradável aventura, hein? senhor... para o senhor e para mim – Ah! para onde vai me levar agora?

[CHARLOT] Para Strasbourg.

[DUQUE] E depois?

[CHARLOT] Ignoro, senhor.



### Quadro 3

*No castelo de Vincennes; uma grande sala bastante deteriorada, cujo papel de parede pende, rasgado em alguns pontos e mofado e manchado por umidade. Ao fundo, diante de uma larga lareira, uma longa mesa iluminada por velas medidas em lanternas de ferro. Porta à esquerda; porta à direita, flanqueada por uma janela. Um banquinho à direita, um pouco isolado, diante de um banco vazio.*



### Cena 1

*(O general Hullin, o coronel Guitton, 4 outros coronéis-juizes, o major Dautencourt, o capitão Molin, gendarmes de elite; soldados da guarnição de Vincennes, meia farda, em posição; empregados civis e militares da cidadela; alguns oficiais superiores, um dos quais está de pé aquecendo os pés na lareira.)*

*(Todos os juizes vestem farda completa. O general Hullin está sentado ao centro da mesa, de costas para a lareira, e, dos seus lados, estão os 5 coronéis-juizes, sentados por ordem de idade. Dautencourt está à esquerda da mesa, Hullin à direita.)*

[HULLIN] Queira proceder à finalização da leitura da ata do processo, cidadão-major.

[DAUTENCOURT] *(de pé)* Perguntado se conhecia o general Pichegu e se teve ocasião de o encontrar, respondeu: Eu jamais, acredito, eu nunca o vi, mas sei que ele pretendia se encontrar comigo. Eu me felicito por não tê-lo conhecido, a julgar pelos meios desprezíveis de que se serviu, se forem verdadeiros os comentários. Perguntado se conheceu o general Dumouriez, respondeu: Em tempo algum; jamais o vi. Foi-lhe perguntado se, depois da paz, não manteve correspondência no interior da República. Ele respondeu: Eu escrevi a alguns amigos a quem ainda estou ligado, que entraram em guerra contra mim, por conta de seus negócios e dos meus. Essas cartas não estão entre aquelas que gostaria de comentar aqui. Disto que se ouviu foi preparada a presente ata, que vai assinada pelo duque de Enghien, pelo chefe de esquadrão Jacquín, pelo tenente Noirot, os gendarmes de serviço, e por nós, capitão-relator. Todavia, e antes de assinar o dito relatório, o duque de Enghien quis acrescentar o seguinte: Peço com insistência uma audiência particular com o primeiro cônsul. Meu nome, minha classe, minha maneira de pensar e o horror de minha situação me fazem esperar que ele não se recusará à minha demanda. *(um silêncio – Dautencourt se senta. Os juízes conversam um instante em voz baixa.)*

[CORONEL GUITTON] Podemos analisar as provas de condenação?

[HULLIN] *(passando-lhe um documento)* Não há provas de acusação... mas aqui está a ordem de prisão do governo consular que, pelos diversos motivos que o senhor poderá ler, nos denuncia o aqui presente duque de Enghien.

[CORONEL GUITTON] Nesse caso, solicito ao oficial-escriturário que me informe sobre as provas de defesa.

[MOLIN] Também não existem, cidadão-coronel.

[GUITTON] Como! Elas não existem? *(todos os juízes se entreolham, espantados)*

[GENERAL HULLIN] Pois bem, passemos às testemunhas. *(um novo silêncio)*

[MOLIN] Não há testemunhas. *(os juízes se entreolham)*

[HULLIN] Onde está o advogado de defesa do acusado? *(ninguém responde; - num tom gelado)* Continuemos... Tragam o prisioneiro. *(um oficial sai, e volta com o duque de Enghien, seguido por dois soldados)*

## Cena 2

*(o duque está vestido com um fraque azul, inteiramente abotoado, com uma gravata branca e calças em cinza claro. Suas botas, ditas à la Suwaroff, têm esporas. Tem na cabeça um quepe com viseira, ornado com largo galão dourado. Senta-se no banquinho, retira seu quepe, depois põe-se a observar o ambiente com vagar, com um olhar calmo. Soam 2 horas.)*

**[GENERAL HULLIN]** Queira se levantar, senhor. *(o duque se levanta e cruza os braços sobre o peito; para o duque)* Como o senhor se chama?

**[DUQUE]** Louis, Antoine, Henri, de Bourbon, duque d'Enghien.

**[GENERAL HULLIN]** Sua idade?

**[DUQUE]** 32 anos.

**[GENERAL HULLIN]** Onde o senhor nasceu?

**[DUQUE]** Em Chantilly.

**[GENERAL HULLIN]** Em que época o senhor deixou a França?

**[DUQUE]** Não posso dizer precisamente, mas me parece que foi no dia 16 de julho de 1789. Parti com o príncipe de Condé, meu avô, com meu pai, com o conde d'Artois e os filhos do conde d'Artois.<sup>18</sup>

**[GENERAL HULLIN]** Onde o senhor residiu após sua partida da França?

**[DUQUE]** Saindo da França, passei com meus pais, por Mons e Bruxelas; depois permanecemos em Turim, com o rei da Sardenha, por cerca de 16 meses. De lá, sempre com meus pais, fui para Worms e cercanias, às margens do Reno. *(um curto silêncio)*

**[GENERAL HULLIN]** E depois?

**[DUQUE]** Em seguida, quando meu avô, o príncipe de Condé, passou para a Inglaterra, morei em Gratz sete ou oito meses, para minha satisfação... até o

---

<sup>18</sup> Comte d'Artois era um dos títulos de Charles-Philippe de France, que governou a França durante a Restauração com o título de Charles X. Seus filhos: Louis-Antoine d'Artois (1775-1844), Mademoiselle d'Artois (1776-1783), Charles-Ferdinand d'Artois (1778-1820) e Mademoiselle d'Angoulême (1783). O Comte deveria ter-se casado em Louise-Adelaïde de Bourbon Condé, mas teve de se aliar a Marie- Thérèse de Savoie, com quem teve os 4 filhos.

dia em que, após ter pedido ao cardeal de Rohan autorização para residir em sua diocese, fui me fixar em Ettenheim, em Brisgaw. Ali vivia há dois anos e meio. Foi lá que me prenderam.

[HULLIN] O senhor não levantou armas contra a República?

[DUQUE] Sim, senhor.

[HULLIN] Em que época?

[DUQUE] Participei da campanha de 1792 no Brabante, com os Bourbon, no exército do duque Alberto. Depois, quando a corporação de Condé foi formada, fiz com ela toda a guerra que foi empreendida contra os senhores.

[HULLIN] Quando a corporação de Condé, como o senhor a denomina...

[DUQUE] Como ele a denomina, senhor.

[HULLIN] Pois seja. Quando a corporação de Condé, digamos, foi licenciada, o senhor não estava a soldo da Inglaterra?

[DUQUE] Eu estava a soldo da Inglaterra.

[HULLIN] Essa potência lhe dispensava algum pagamento?

[DUQUE] Sim, senhor. Era o dinheiro de que eu dispunha para viver.

[HULLIN] O senhor mantinha correspondência com os príncipes franceses retirados em Londres?

[DUQUE] Naturalmente. Por qual razão não me teria correspondido com meu pai e meu avô?

[HULLIN] Quando o senhor os viu pela última vez?

[DUQUE] Deixei o príncipe de Condé em Viena quando foi licenciada a corporação que trazia seu nome; quanto ao duque de Bourbon, creio não tê-lo visto depois de 1794 ou 1795.

[HULLIN] Que posto o senhor ocupava no exército de Condé?

[DUQUE] Primeiramente servi como voluntário no quartel-general de meu pai; depois comandi a vanguarda em 1796.

[HULLIN] E depois?

[DUQUE] *(com orgulho)* Sempre na vanguarda. *(um curto silêncio)*

[HULLIN] O senhor pode nos dizer agora porque levantou armas contra seu país?

[DUQUE] Por Deus, pelo rei, pelo trono, e para recuperar a herança legítima de meus ancestrais.

[HULLIN] O senhor conspirou contra a vida do primeiro cônsul? O senhor estava ligado ao complô de assassinato tramado por Georges?

[DUQUE] É com o duque d'Enghien, o neto do grande Condé, que o senhor está falando?

[HULLIN] Exatamente.

[DUQUE] Perdão, mas eu estimava que a glória de meus ancestrais, minha classe, e a lealdade que era uma honra supor, mesmo para com um inimigo, mereciam muito mais que um insulto.

[HULLIN] Tudo isso está perfeito, senhor, pelo menos, devemos-lhe desculpas, mas o senhor me obriga a lhe dizer que não respondeu de modo algum à minha pergunta. Deseja que eu a repita? O senhor conspirou contra a vida do primeiro cônsul?

[DUQUE] *(com arrebatamento)* Não tenho mais um título a ser respeitado nem o interesse dos franceses?

[HULLIN] Vejamos, senhor, vejamos!... Reflita... Tente entrar em si mesmo... compreender o lugar em que o senhor está. Nós não somos crianças. Temo que o senhor não se deixaria levar pelo curso de certas ideias... ideias que o senhor sustenta sobre seu nascimento e sua educação. *(vivamente, a um gesto de desdém do duque)* Ainda uma vez, sim ou não, o senhor conspirou contra a vida do primeiro cônsul?

[DUQUE] *(secamente)* Não.

[HULLIN] Tudo faz crer, e entretanto! seu ódio contra a República, e o lugar em que o senhor mora, e seus frequentes desaparecimentos de Ettenheim...

[DUQUE] *(apontando Dautencourt)* Já expliquei ao senhor porque morava em Ettenheim. Quanto aos meus desaparecimentos...

[DAUTENCOURT] O senhor, com efeito, me explicou – e eu registrei na ata do processo – que sua permanência em Ettenheim só tinha um objetivo: o de se aproveitar de um direito de caça que lhe fora atribuído pelo eleitor de Baden.

[HULLIN] *(ao duque)* Quanto aos seus desaparecimentos?

[DUQUE] Eh! senhor, quero crer que não seja nas ruas de Ettenheim que eu pudesse caçar!

[HULLIN] Mas... o complô...

[DUQUE] Eu lhe disse: não, senhor, eu lhe disse que não conspirarei.

[HULLIN] Entretanto...

[DUQUE] Não, não, não! Cem vezes não! Mil vezes não! Tenho que repetir ao senhor até ficar cansado? *(joga o quepe ao chão, furiosamente, e o pisoteia)* Bonaparte é um grande homem! Se eu dedicasse a ele um ódio implacável, assim como a todos os franceses, não seria um ódio de assassino. Contra ele e contra os senhores eu fiz e ainda faria guerra, em todas as ocasiões, mas uma guerra leal, como todo príncipe de sangue dos Bourbon deve fazer. *(acalma-se)* Em Ettenheim, aliás, eu não sabia de nada... não me ocupava com coisa alguma...

[HULLIN] Senhor, o senhor não me parece compreender sua situação. O senhor toma o cuidado de nos lembrar a todo instante o seu nascimento, como se isso fosse uma prova de qualquer coisa, não seria melhor adotar um outro sistema de defesa? Eu não quero abusar de sua posição, mas note que o senhor me cortou a palavra várias vezes e que, a perguntas feitas com a maior calma, o senhor respondeu furiosamente. Tome cuidado, senhor, tudo isso pode ficar sério, muito sério. E, depois, como espera nos persuadir de que, em Ettenheim, o senhor ignorava tão completamente como disse o que se passava na França, quando o mundo inteiro está instruído a respeito? E como admitir que, com seu nascimento, pois que nascimento houve, o senhor fosse indiferente aos acontecimentos cujas consequências se voltariam todas contra o senhor? Há muita indiferença no que diz para que eu não lhe faça alguma observação.

[DUQUE] Senhor, eu não teria sido indiferente aos acontecimentos se eles estivessem de acordo com a honra.

[HULLIN] Acredita mesmo, senhor?

[DUQUE] Tenho certeza disso.

[HULLIN] Então, o senhor considera uma honra lutar contra seu país?

[DUQUE] Combati por direitos legítimos, para reerguer um trono que facções derrubaram; não é contra meu país, mas contra a revolução que peguei em armas, essa revolução que só teve cadafalsos por testemunhas.

[HULLIN] Mas, senhor, essa revolução, foi a França que a fez, foi a França que a preparou.

[DUQUE] Não; a França só a viu com horror e um dia virá sem dúvida em que vai se lembrar dela com execração.

[HULLIN] O senhor é surpreendente, senhor. E eu não sei sinceramente o que pensar... É o senhor mesmo que está aqui falando e se sacrificando aos preconceitos de sua classe?

[DUQUE] Minha casta não tem mais privilégios que a sua, senhor; ela apenas tem pensamentos mais elevados e mais deveres a cumprir. *(um silêncio)*

[HULLIN] *(suavemente)* Vejamos, todavia, senhor, ainda uma pergunta. Seu avô e seu pai nunca usaram a influência deles para levarem o senhor um pouco mais longe do que teria desejado?

[DUQUE] *(após um curto silêncio)* Eu o compreendo perfeitamente, senhor, e aprecio suas boas intenções, mas não posso me servir dos meios que me oferece. Isso não seria renegar minha causa, que é a de todos os príncipes e de todos os *gentilshommes*<sup>19</sup> de França?

[HULLIN] O senhor estava prestes, então, antes de sua prisão, a fazer um acordo contra nós com a Inglaterra?

[DUQUE] *(com um tom grave)* Sim, senhor. Eu até havia solicitado à Inglaterra um posto em seu exército quando o senhor lhe declarou guerra. Mas ela me respondeu que não poderia fazer aquilo, que eu permanecesse no Reno onde, incessantemente, eu teria um papel a representar. E eu estava esperando, senhor. Não tenho mais nada a lhe dizer.

[HULLIN] *(com emoção)* Senhor, pensa mesmo nas coisas que nos contou e ignora que os comissariados militares não permitem apelação?

---

<sup>19</sup> Pessoas de nascimento nobre ou que apresenta em sociedade maneiras próximas às da nobreza; nos regimes monárquicos, um cavalheiro da casa do rei, príncipe, nobre ou senhor, que lhe prestava assistência no palácio e o acompanhava em viagens ou na guerra.

[DUQUE] *(abaixando a cabeça, e num tom resignado)* Eu sei disso, senhor, e não dissimulo para mim o perigo que corro. Desejo apenas, como já me expliquei, obter do primeiro cônsul o favor de uma entrevista.

[HULLIN] Um dos senhores, cidadãos-coronéis, gostaria de interrogar o acusado? *(ninguém responde)* Nesse caso, temos apenas que nos retirarmos para deliberar. *(ele se levanta)* Os debates estão encerrados. *(saem no mais profundo silêncio – o duque fica sozinho com o tenente Noirot.)*

### Cena 3

[DUQUE] *(vivamente)* Quer que eu lhe fale, meu caro senhor Noirot?... Pois bem, lamento apenas uma coisa: é, em Ettenheim, não ter atirado em um dos generais que eu tinha em minha casa. Pelo menos, minha sorte seria decidida de imediato, pelas armas. E eu teria escapado a este conselho de guerra em que me tratam como um soldado desertor... E eu não estaria aqui, caindo de sono, morto de fadiga... *(um silêncio)* Ah! meu caro senhor, sabe que o senhor é o único homem que, depois de minha prisão, demonstrou alguma simpatia para comigo?... E entretanto o senhor é meu guardião! E poderia ter feito como todo mundo para tornar meu cativo tão duro quanto mais penoso possível! Dê-me sua mão, senhor Noirot. *(Noirot lhe estende uma mão que o duque mantém entre as suas por um instante)*

[NOIROT] Se dependesse de mim, me meteria em cem batalhas, senhor, e jamais num interrogatório como este que o senhor acabou de sofrer.

[DUQUE] O senhor é sinceramente republicano, senhor Noirot?

[NOIROT] Sinceramente, sim, senhor.

[DUQUE] Lamento... por mim e pelos meus... O senhor sabe se o primeiro cônsul foi informado de que desejo conseguir uma entrevista com ele?

[NOIROT] Não sei; mas, enquanto o senhor estiver aqui, eu poderia...

[DUQUE] Não... não... Se, por acaso, lhe tivessem falado sobre isso, eu ficaria contente, mas prefiro conservá-lo perto de mim... Tanto mais que o primeiro cônsul dificilmente pode me recusar um favor tão pequeno! Não é?

[NOIROT] Não... não pode mesmo...

[DUQUE] *(alegremente)* Em todo caso, estou convencido de que ele não me recusaria nada se soubesse que sou um dos mais apaixonados admiradores

de seus talentos militares e que isso, mal interpretado, até me valeu uma reprimenda pelo príncipe de Condé, meu avô.

[NOIROT] *(sorrindo também)* Verdade, é?

[DUQUE] Lamento não ter mais a carta que continha aquela reprimenda, senão eu a mostraria ao senhor. Tratava-se da campanha da Itália. A propósito, o senhor esteve naquela campanha, senhor Noirot?

[NOIROT] Não, senhor, mas estive na do Egito... em toda a campanha do Egito.

[DUQUE] O senhor assistiu à batalha das Pirâmides?

[NOIROT] Sim, senhor.

[DUQUE] Então, o senhor viu os mamelucos, aqueles infundáveis mamelucos, todos cobertos de armas brilhantes, atacarem um punhado de franceses agrupados no deserto e se fazer dizimar por esse punhado e se atirar no Nilo? O senhor viu Desaix, Lannes e Kléber e os outros conseguirem todas aquelas vitórias que o gênio de Bonaparte lhes preparara?

[NOIROT] Eu vi tudo aquilo, senhor.

[DUQUE] *(pensativamente)* E dizer que eu poderia ter estado lá também! Se a França tivesse permanecido fiel a seus príncipes... em vez de eu ter lutado contra ela... e ter sonhado com a glória dos outros! *(um silêncio, no final do qual aparecem na porta à esquerda, primeiramente a senhora Harel e, em seguida, a princesa Rohan)*

## Cena 4

*(A senhora Harel primeiramente vai falar a Noirot, e logo, com um gesto dele de aquiescência, ela se dirige para a porta por onde acabou de entrar)*

[MADAME HAREL] *(para a princesa, mal percebida até agora)* Por aqui, senhora... é aqui...

[DUQUE] Você?... você aqui?

[PRINCESA] *(atirando-se nos braços dele e explodindo em lágrimas)* Sim, eu... Vim ver o cônsul Cambacérès...Disseram-me que ele não queria que você fosse preso... é verdade... Então, ele se apiedou de mim e me enviou, secretamen-

te, com uma carta, ao oficial que comanda este castelo de Vincennes. (*apontando a senhora Harel, que conversa com Noirot*) Essa senhora, a quem você precisa agradecer, é a esposa desse oficial. Ela tem sido muito boa para mim. (*a princesa continua a chorar. O duque, comovido, vai silenciosamente beijar a mão da senhora Harel*)

[DUQUE] (*voltando para a princesa*) Não chore. Não chore mais; não deve chorar desse modo. Me dá pena. (*para Noirot*) Não é verdade, meu caro senhor Noirot, que madame não precisa se emocionar dessa maneira, que não existe qualquer motivo para isso?

[NOIROT] Precisamente.

[DUQUE] Vamos, não chore mais... Estão olhando para nós.

[PRINCESA] Não vai ser nada. Ee estava nervosa!... Um primeiro momento de emoção... Pronto, já passou!... Está vendo? (*enxuga os olhos*) Você não está doente, não é? Tudo isso não te deixou doente?

[DUQUE] (*esforçando-se para sorrir*) Eu, doente? Por que haveria de estar doente? Estou com aparência ruim?

[PRINCESA] Você me pareceu pálido quando entrei.

[DUQUE] Estou bastante bem aqui, eu lhe asseguro... Faz pouco mais de meia hora que me levantei.

[PRINCESA] E aquilo ali, o que é?

[DUQUE] Isso aí? Nada... Não sei. Uma mesa onde alguns soldados terão almoçado, provavelmente. Aliás, estou aqui apenas de passagem, aguardando que me preparem um alojamento. Não é, senhor Noirot? (*Noirot faz um gesto de assentimento*) A propósito, senhor Noirot, queira se aproximar para que lhe apresente a duquesa d'Enghien. (*Noirot se aproxima*) O tenente Noirot, meu guardião e meu amigo. Monsieur outrora fez parte do regimento de Royal-Navarre. Ele me viu muito jovem ainda na casa do conde de Crussol, onde me lembro de ter estado algumas vezes.

[PRINCESA] (*estendendo a mão para Noirot*) Eu espero, senhor, que não nos esqueça, se algum dia, por nosso turno, pudermos ser-lhe úteis para alguma coisa. (*Noirot se inclina*)

[DUQUE] Permite-nos ficarmos um pouco sozinhos, senhor Noirot?

[NOIROT] Fiquem à vontade, senhor, mas apressem-se, porque podem voltar de um minuto para o outro, e (*apontando para a princesa*) madame não pode ser surpreendida aqui. (*põe-se a conversar com a senhora Harel*).

[PRINCESA] E então! Por que você foi preso?... Vai ficar sabendo hoje?

[DUQUE] Eu? Não... Não me disseram nada... E, na verdade, como não disseram nada, também não quis perguntar.

[PRINCESA] Como! Você não viu ninguém?

[DUQUE] Ninguém... (*sorrindo*) a não ser você, a senhora, Noirot e as sentinelas que me guardam.

[PRINCESA] Então, você não sabe se vão colocar você em liberdade ou se vai ficar prisioneiro por um longo tempo?

[DUQUE] Não; mas eu estaria bastante inclinado a acreditar que logo nos encontraremos em minha casinha de Ettenheim.

[PRINCESA] E você diz isso baseado em que? Até agora não viu ninguém.

[DUQUE] Em que me baseio? Na verdade, sobre tudo. Na opinião do senhor Noirot, para começar.

[PRINCESA] E depois?

[DUQUE] E depois, na minha opinião... Eu nunca me enganei com meus pressentimentos. Conte-me, então, com mais detalhes, sua entrevista com o conde Cambacérès. O que tanto tinha para lhe dizer para conseguir assim tão facilmente...

[PRINCESA] Oh! Nada demais, comecei por lhe dizer que era sua esposa – o que o deixou bastante espantado.

[DUQUE] (*sorrindo*) Que impertinente!

[PRINCESA] Depois, eu me pus a chorar, chorar... se bem que depois de se ter recusado por bastante tempo a interceder por mim, ele terminou por se apiedar, por se lembrar de que devia uma obrigação ao comandante Harel. E eis-me aqui. Foi o criado dele que me trouxe aqui. Ele está em casa da senhora Harel. Eu estou neste castelo desde a meia noite. Fizeram-me esperar. Você não faz ideia de quantos soldados encontrei, na estrada, ao me aproximar de Vincennes. – Ah! você não tentou fugir?

[DUQUE] Como quer que eu tivesse pensado nisso? Há sentinelas em toda parte.

[PRINCESA] O senhor Noirot...

[DUQUE] o senhor Noirot não consentiria. É uma brava pessoa, mas é republicano.

[NOIROT] (*aproximando-se do duque*) Desculpem-me perturbá-los, mas é preciso que a senhora o deixe. É também o que lhe pede a cidadã Harel.

[SENHORA HAREL] (*para a princesa*) Sim, senhora, pois se nos descobrem aqui, apesar da ordem de não deixar entrar ninguém para falar com o senhor, meu marido incorreria nas penas mais severas.

[DUQUE] A senhora tem razão. Ninguém deve sofrer por não ter desejado o bem. Vamos, duquesa, adeus então... Até breve. (*beijam-se*)

[PRINCESA] Preciso arrumar o que fazer...

[DUQUE] Com a ajuda de quem?... Deixemos correrem os acontecimentos. Vai, querida. (*ele a beija várias vezes com ternura. Ela se desfaz em lágrimas*)

[PRINCESA] Henri... meu Henri...

[DUQUE] Até breve, até breve. Seja corajosa, seja mais corajosa. É o melhor consolo que você pode me dar. Eu lhe afirmo que não corro nenhum perigo. (*para a senhora Harel*) Leve-a, madame.

[PRINCESA] Não, eu quero ficar com você... Henri... eu lhe suplico... eu lhe suplico. (*os soluços aumentam. A senhora Harel pega-a pela mão*)

[DUQUE] Vão, até breve, até breve. (*a senhora Harel sai com a princesa e fecha a porta atrás delas*)

## Cena 5

[DUQUE] (*muito comovido de início*) Nunca menti tanto na minha vida... A pobre mulher!... Por um momento acreditei que ela não iria embora... Enfim... (*um silêncio, ao fim do qual ele boceja*) Meu Deus, como estou fatigado! (*chega perto do banquinho sobre o qual estivera sentado anteriormente e, pouco a pouco, empurra-o com o pé para perto da mesa do conselho*) Ah! meu caro senhor Noirot, que vida a minha após minha prisão! (*boceja ainda*) Veja só! Eu

ia partir para uma caçada; cercaram minha casa, me prenderam; puseram-me numa carruagem entre duas fileiras de fuzileiros, até o Reno... Por que me prenderam? Ainda estou me perguntando. Depois, eis-me aqui preso, em território neutro, em desafio aos direitos das pessoas; mas sei que isso é nada ao lado dos problemas que vão se seguir... Chego em Strasbourg... conduzem-me até o quartel. Ali, nada pronto para me receber. Durmo no chão, sobre um acolchoado. Inútil lhe dizer como dormi pouco, não é? *(boceja e se senta)* Bem! Amanhã me separam de minha gente e de meus amigos... Escrevi algumas cartas para me consolar, pois todas as autoridades do país se põem a desfilar diante de mim. Nasce o dia, começo a pensar: ah! finalmente vou poder dormir... Mas não! de modo algum! Logo trazem papéis que confiscaram em minha casa, em Ettenheim, e se põem a lê-los, a passá-los uns aos outros, depois fazer pacotes com eles, até às onze horas. Tudo aquilo me deixa deprimido; e não consigo dormir novamente tanto me vem à mente minha cruel posição. Todavia, a noite passa; um dia quase tranquilo a sucede. Até me dão autorização, antes do jantar, de tomar um pouco de ar num pequeno jardim... Como... me deito... A-ah! consigo dormir... Mas, veja que pouca sorte a minha, meu caro senhor Noirot! O comandante Charlot, o inevitável comandante Charlot, corre para me acordar. Visto-me com pressa; tenho que, parece-me, ver rapidamente o general Leval. Vamos até o general Leval, faço isso com resignação... mas não! tem um veículo de seis cavalos de posta que me espera no meio da rua, e gendarmes. Há uma contra-ordem... E dá-lhe estrada para Paris!... Deus de Deus! Que caminhos percorremos! Quantos solavancos! A todo instante imaginava que o veículo se partiria em pedaços... Chegamos a Paris; ali me transferem; passo pelo conselho de guerra onde me acusam de ter pretendido assassinar o primeiro cônsul... Aquela pobre duquesa, que o senhor acabou de ver, está ali perto de mim, Deus sabe como. Tenho o coração esvaçalhado, meu caro senhor Noirot... Mas então, pela minha honra, não aguento mais e morro de sono e de cansaço! *(deixa cair a cabeça sobre um dos braços sobre a mesa)*

**[NOIROT]** Por que não tenta repousar, senhor, enquanto espera que eu receba uma ordem para levá-lo para outro lugar. Isso não deve demorar agora... e com paciência... O conselho deve estar prestes a ditar seu veredicto... Quem sabe não é a liberdade que vão anunciar dentro de alguns instantes. Tenho muita esperança, senhor... *(uma porta se abre; Noirot se volta e avança para a frente de Dautencourt, que está entrando. O duque não mudou sua posição.)*

## Cena 6

**[DAUTENCOURT]** Sou eu, cidadão; não se incomode. *(abaixando a voz e apontando o duque)* Ele está dormindo?

[NOIROT] *(também em voz baixa)* Não sei... É possível!... Ele está cansado... *(chamando à meia voz)* Senhor, senhor duque!... *(o duque não responde)* Com efeito... o senhor está vendo... ele dormiu mesmo... – E então, a deliberação do conselho está terminada... Que pena vai ser infligida a ele?

[DAUTENCOURT] Morte.

[NOIROT] Morte?... morte?... foi morte mesmo que o senhor disse? – O-o-oh! pobre diabo! *(um silêncio)* E quando vai ser lida sua sentença?

[DAUTENCOURT] Imediatamente. – Vamos, mexa-se, cidadão Noirot.

[NOIROT] Está indo embora?

[DAUTENCOURT] Sim; não tenho um minuto a perder... A tropa já está pronta no fosso do castelo.

[NOIROT] A tropa... nesta hora, aqui?... para fazer o quê?

[DAUTENCOURT] *(apontando o duque)* Mas... para...

[NOIROT] *(aterrado)* Como? Já agora?

[DAUTENCOURT] Em seguida. Parece que não querem arrastar as coisas... têm ordens secretas! *(percebendo que Harel está entrando, seguido por um brigadeiro da gendarmeria)* E veja, o comandante Harel já está entrando.

## Cena 8

[NOIROT] *(indo para a frente de Harel e apontando o duque)* Vieram buscá-lo?

[HAREL] Sim.

[DAUTENCOURT] *(para Noirot)* O senhor vai comigo?

[NOIROT] Tudo bem, não tenho mais nada a fazer aqui. *(Dautencourt e Noirot saúdam Harel, depois saem; um curto silêncio)*

## Cena 9

*(o duque continua dormindo)*

[HAREL] *(para o brigadeiro)* Acorde-o. *(segurando o brigadeiro)* Ah! pegue uma das lanternas que estão ali. Vamos precisar de uma para descer a escadaria. *(o brigadeiro pega uma lanterna, depois se aproxima do duque, tocando levemente seu braço)*

[DUQUE] *(sem se compor)* Hein?... O que foi?...

[BRIGADEIRO] *(tocando um pouco mais forte)* Cidadão...

[DUQUE] *(levantando a cabeça e olhando para o brigadeiro com os olhos sonolentos)* O que há?... O que é que vocês querem?

[HAREL] *(aproximando-se)* Levante-se, senhor, e venha comigo.

[DUQUE] *(levantando-se)* Estou pronto. Para onde vai me levar? *(Harel o pega por um braço)*

[HAREL] Senhor, queira me seguir e reúna toda a sua coragem.

[DUQUE] Mas para onde me leva, senhor? Para que diabo de lugar me conduz? *(para bruscamente)* Se é para me enterrar vivo numa masmorra, prefiro que me levem para a morte.

[HAREL] Senhor, lembre-se: toda a sua coragem. *(eles saem. O palco fica um instante vazio)*

## Cena 10

*(A princesa e a senhora Harel entram pela porta por onde o duque saiu.)*

[PRINCESA] *(parando assim que entra)* Olhe! mas... não era aqui, há pouco tempo...

[SENHORA HAREL] Sim, senhora.

[PRINCESA] Sua Alteza não está mais aqui... Por quê?

[SENHORA HAREL] *(a voz um pouco hesitante)* Parece que, sem dúvida, levaram Sua Alteza para aposentos menos dilapidados.

[PRINCESA] Ah! sim... eu sei... se me tivessem dito. *(um curto silêncio)* Que estranho, mas estou feliz em atravessar de novo esta sala onde o vi, ainda há tão pouco tempo. Permita-me olhá-la um minuto... um minutinho... para guardar

como lembrança?... *(Ruído de passos e armas do lado de fora. Ouve-se em seguida, no meio do silêncio, como que uma leitura feita não longe dali.)*

[SENHORA HAREL] *(vivamente)* Apressemos-nos em sair do castelo, senhora... Meu marido me recomendou formalmente levá-la para fora do castelo, sem perder um só instante.

[PRINCESA] Oh! Senhora, um minuto, eu lhe peço. Talvez o senhor duque de Enghien ainda esteja deitado? Talvez o levem daqui... e então... eu o verei novamente.

[SENHORA HAREL] Não pense nisso, senhora... O que diriam?... Vamos, venha... venha, senhora. *(a voz que parecia ler se cala, e uma outra logo se ergue. As duas mulheres ouvem.)*

[PRINCESA] *(trêmula)* Estou reconhecendo a voz dele... *(escuta novamente)*

[SENHORA HAREL] Não, senhora. Eu lhe asseguro que não. Como queria que essa voz fosse a do senhor duque?

[PRINCESA] Schut! *(a voz distante continua a falar. Não se distinguem mais as palavras.)*

[SENHORA HAREL] Vejamos...

[PRINCESA] Eu disse que era a voz dele... tenho certeza que era a voz dele, agora... O que a senhora me diz?... Ouça mais um pouco... Escute... *(aproximando-se da senhora Harel e segurando-lhe a mão)* Não se ouve mais nada... *(Ruído de armas sendo carregadas. A princesa começa a tremer convulsivamente)*

[SENHORA HAREL] Vamos, senhora, venha, venha.

[PRINCESA] É ali... tão perto...

[SENHORA HAREL] Eu lhe suplico, senhora... É uma nova guarnição que acaba de chegar ao castelo. Estava sendo esperada. Foi por isso mesmo que não pudemos vir pelo mesmo caminho que a senhora havia feito.

[PRINCESA] Pois eu insisto que foi a voz dele que ouvi. *(voz do duque dizendo uma frase curta. A princesa se precipita para uma janela e a abre)*

[SENHORA HAREL] A senhora vai se perder, madame!... Vai atrair toda sorte de coisa ruim para seu marido!

[PRINCESA] Não o veremos mais... Veja esse nevoeiro lá fora... percebo uma luz, no lado direito...

[UMA VOZ] (*gritando de repente lá fora*) \* Ele quer morrer como um capuchinho!

[PRINCESA] (*com voz baixa, terrificada, após ter voltado para perto da senhora Harel*) É dele que estão falando?... Senhora... diga, senhora, é ele que vai morrer? (*A senhora Harel começa a soluçar*)

[VOZ DO DUQUE D'ENGHIEN] \* Meus amigos!...

[A MESMA VOZ ANTERIOR] (*cortando-lhe a fala*) O senhor não tem amigos aqui.<sup>20</sup>

[PRINCESA] Eu, sim, sim... Meu Deus! meu Deus!...

[VOZ DO DUQUE] Pois bem! Mostre-me então o lugar onde devo morrer! (*curto silêncio*) Não, nada de venda nos olhos. Não quero venda alguma. Já vi a morte vezes demais para agora me disfarçar diante dela.

[VOZ DO AJUDANTE DE ORDENS] Apontar armas!

[VOZ DO DUQUE] O coração! Acertem o coração!

---

20 Diferentemente da *Medeia* de Eurípides, em que a plateia se inteira dos crimes da protagonista pelo relato que deles lhe faz o Mensageiro, nesta peça de Léon Hennique os espectadores acompanham a representação da morte do duque pelos sons que lhes chegam dos bastidores. Essa cena 10 há de ter sido, a exemplo dos atos 3 e 5 de *La Patrie en danger*, dos irmãos Goncourt, o motivo da resolução de André Antoine ter encenado a peça com seu Théâtre-Libre. Essa cena enseja uma criação no palco, de algum modo, da “caverna de Platão”. A realidade da morte do duque se desvela nas falas das personagens extracena e dos ruídos de lá provenientes e elas, poucas que são, narram com rudeza e economia de meios, evento tão entranhado na consciência histórica pesada daquela Revolução ainda não concluída. Duas falas, entretanto, parecem carecer de motivo e desenvolvimento, dando-se ou mais ou menos no cumprimento do desafio que ensejam ao encenador. Ambas estão impressas no final da página anterior, marcadas com um \*, e aqui se ensaia uma tentativa de estabelecimento de seu lugar na construção da narrativa dramática. Não há nada, no texto, que provoque “uma voz” da plateia do fuzilamento a dizer que o duque “quer morrer como um capuchinho”. É preciso, entretanto, esperar que o duque, talvez iniciando alguma fala mais longa e densa para os espectadores daquela cena macabra, diga aquele patético “meus amigos”. Que sentido elas fazem? Para que servem? É de se crer que a fala da voz anônima se realize como um tremendo deboche, igualando ironicamente o duque a um “capuchinho”, um franciscano, quiçá ao próprio São Francisco, que, sentindo-se perto da morte, regressou a Porciúncula para “morrer entre amigos”, que são referidos na fala interrompida do morituro pela mesma voz, que lhe expõe a dimensão exata de sua solidão: “aqui o senhor não tem amigo nenhum”. /de como remarcar a heroicidade de uma personagem/.

[VOZ AJUDANTE] De joelhos. Fogo!

[VOZ DO DUQUE] (*Ao mesmo tempo*) Viva o Rei! (*tiros de fuzil*)

[PRINCESA] (*caindo de joelhos*) Henri... meu Henri... meu pobre Henri...

FIM<sup>21</sup>



---

21 Dirigido por Albert Castellani, o filme *La mort du duc d'Enghien*, 1909, obedecendo ao *modus comovendi* do cinema, então em seu nascedouro, encena o fuzilamento do duque. É de se imaginar o entusiasmo de André Antoine e seu *Théâtre-Libre* com relação ao final do quadro 3, com a cena principal e mais esperada pelo espectador acontecendo completamente fora do palco, longe dos olhos da plateia, num simulacro dramatúrgico experimental digno do teatro naturalista propugnado por Émile Zola, de quem Léon Hennique era próximo, tendo participado das *Soirées de Médan*. O filme está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=EK4eQkAU2cM> e em <https://www.youtube.com/watch?v=EK4eQkAU2cM&list=PLKV87aVZ65IEbxam5839IFax8ulbQbW4Y>. O episódio da execução do duque d'Enghien foi incluído no roteiro da série *Napoléon*, de 2002, dirigida por Yves Simoneau; episódio disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ciea-rnali0&list=PLKV87aVZ65IEbxam5839IFax8ulbQbW4Y&index=3>. O *affaire* do duque d'Enghien faz parte também do filme *Austerlitz*, de Abel Gance, lançado em junho de 1960 (tem um título em português: *Como se escreve a história*).

## Obras consultadas pelo autor

### Archives Nationales:

*Dossiers du duc d'Enghien.*

*Mémoires du duc de Rovigo.*

*Lettre de M. de Rovigo à S. A. R. M. le comte d'Artois.*

*Explications offertes aux hommes impartiaux par de comte Hullin.*

*Discussion des actes de la commission militaire pour juger le duc d'Enghien.*

*Correspondance de M. le duc d'Alberg sur la mort du duc d'Enghien.*

Auguste Nougarede de Fayet, *Recherches historiques sur le procès et la condamnation du duc d'Enghien*, Paris, 1844, 2 vol. In 8.<sup>22</sup>

Louis-Joseph de Bourbon de Condé – *Mémoires pour servir à l'histoire de la Maison de Condé*. Paris, 1820, 2 vol. In 8.

N. G. de Marguerit-Montmeslin – *De l'assassinat de Monseigneur le duc d'Enghien [et la justification de M. de Caulaincourt]*. Paris, 1814, in 8º.

Choulot (de), *Mémoires et voyages du duc d'Enghien*, précédés d'une notice sur vie et sa mort. Moulins, 1841, in 8º.

Émile Marco de Saint-Hilaire, *Le duc d'Enghien; épisode du temps du Consulat*. Paris, 1844, in 12 º.

Thiers, Consulat, t. IV: *Mémoires historiques* (Collection Baudouin).

Roux de Laborie, *Éloge du duc d'Enghien*. Paris, 1827, in 8.

Boudard (de l'Hérault), *Mémoires, lettres et pièces authentiques touchant la vie et la mort de S. A. R. Mgr le duc d'Enghien*. Paris, 1823, in 8º.

---

<sup>22</sup> No prefácio se lê: “A maior parte das peças (do julgamento) foi depositada, por ordem do primeiro cônsul, nos arquivos da secretaria de Estado. Em 1814, essas peças foram destruídas, e os fragmentos que pudemos reproduzir se devem a extratos feitos à época do processo ou à lembrança de pessoas que os haviam tido entre as mãos.”

Gautier, du Var, *Conduite de Bonaparte relativement aux assassinats de Mgr le duc d'Enghien et du marquis Louis de Frotté*. Paris, 18254, in 8º.

Charles de Bouvens, *Notice historique sur L. A. H. de Bourbon-Condé, duc d'Enghien, prince su sang royal: suivie de son oraison funèbre, prononcée par l'abbé de Bouvens dans la chapelle catholique de St. Patrice, à Londres, em présence de la famille royale*. Paris, 1814, in 8º.

André-Marie-Jean-Jacques Dupin, *Pièces judiciaires et historiques relatives au procès du duc d'Enghien, avec le jornal de ce prince depuis l'instant de son arrestation, précédées de la discussion des actes dela commission militaire instituée en l'an XII, par le gouvernement consulaire*. Paris, 1823, in 8º.

Comte de Dion, *Éloge funèbre de S. A. R. Mgr le duc d'Enghien*. Londres, 1824.  
L. Constant, *Le duc d'Enghien, d'après les documents historiques*. Paris, Le Chevalier, 1869.

Etc.